

MUNDO GRÁFICO

23
DEPÓSITO LEGAL
OUT 1941



No ambiente
exótico
da
Estufa Fria
uma evocadora
imagem
da milenária
China



A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Verão	Estações	Ondas curtas
13,15 noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
13,30 actualidades	G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*) noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
22,15 actualidades	G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros
(12,04 mc/s) em G R V

GG

Sumário

O VATICANO E A CONFERÊNCIA DO ATLANTICO, pelo dr. G. de Ayala Monteiro

REFLEXOS DO MUNDO

O GENERAL SIKORSKY, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

O BLOQUEIO INGLÊS, de Carlos Ferrão

DESPERTAR, quadro fotográfico

A ESTUFA FRIA — JARDIM CHINEZ, de Rodrigo de Melo

A INGLATERRA EM ARMAS

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? Responde o prof. Cristino da Silva

PROTESTO ORIGINAL

DUPLA PÁGINA DE GUERRA

A MENSAGEM ESPIRITUAL DE CHURCHILL

CADETES DA R. A. F.

OUVINDO a B. B. C.

A MULHER INGLESA NA GUERRA

A MALAIA, CHAVE DO ORIENTE

A CAMPANHA DA RUSSIA

BAILADOS INGLESES

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

FELIZ REGRESSO, novela de Francisco Jorge

A UNIÃO DA AFRICA DO SUL E A GUERRA

O HONESTO SALUSTIANO, crónica alegre de Pigmalião Pires

SPORT — A ABERTURA DA ÉPOCA DE FUTEBOL NA GRAN-

-BRETANHA, por Cândido de Oliveira

CINEMA, de António Lourenço



A bandeira da Noruega flutua sempre! Num acampamento do norte da Inglaterra, frente à península da Escandinávia, empunhada com orgulho pelos soldados do Rei Haakon, as suas cores são o símbolo da independência e da glória



Dunhill

O melhor
c garro Americano



Importadores exclusivos

Roque Pinto, L. da

R. do Amparo, 94-1.º

L i s b o a

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

Material de Desenho

Casa especializada em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta,
lapiseiras, carnets, albuns para fotos, pastas para mensa-
sagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

O VATICANO E A CONFERÊNCIA DO ATLÂNTICO

pele dr. G. de AYALA MONTEIRO

No dia 24 de Dezembro de 1939 — havia pouco mais de três meses de guerra — o Santo Padre Pio XII recebeu os membros do Sacro Colégio e altas individualidades religiosas de Roma que lhe foram apresentar cumprimentos pelas festividades do Natal.

Sua Santidade aproveitou a ocasião para pronunciar um discurso notabilíssimo condenando a «política da força» e denunciando o facto de estarmos assistindo a uma série de actos inconciliáveis tanto com as prescrições do Direito Internacional positivo como com os princípios do direito natural e os mais elementares sentimentos humanitários — actos que mostram até que ponto chegou o sentido jurídico falseado por considerações puramente totalitárias.

Mencionando os esforços desenvolvidos pela Santa Sé a favor da Paz, Pio XII manifestou o desejo de que os Chefes das nações envolvidas na luta definissem os seus objectivos de guerra — a que Ele chamou «os pontos fundamentais duma Paz justa e honrosa». Entretanto, com a autoridade que lhe advem de ser o Chefe de todo o mundo cristão, o sucessor de S. Pedro proclamou os princípios que, em seu entender, deviam servir de base à paz entre as nações.

Expressos em «Cinco Pontos», esses princípios apresentam a mais impressionante analogia com a doutrina contida nos «Oito Pontos» proclamados por Roosevelt — Churchill na célebre Conferência do Atlântico em que os dois Chefes dos governos aliados, aceitando a sugestão pontifícia, definiram os objectivos da guerra sobre os quais assenta o entendimento entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América do Norte.

Estranha coincidência esta que nos obriga a verificar o mais absoluto paralelismo entre dois documentos emanados, um, da mais alta autoridade espiritual da terra, o outro, dos chefes das duas grandes nações anglo-saxónicas que conduzem a guerra contra a Alemanha!

Não há, na verdade, qualquer diferença fundamental entre as bases da Paz futura proclamadas do alto da Cadeira de S. Pedro, ou redigidas a bordo do couraçado «Jorge V».

Em ambos os documentos se consignam, essencialmente estes princípios: respeito absoluto pela integridade moral e territorial de todas as nações; reconhecimento do direito de os povos disporem dos seus destinos; organização da futura vida internacional em bases jurídicas e económicas que assegurem o livre desenvolvimento de cada povo; substituição da força, como meio de derimir litígios internacionais, pela aplicação das regras de justiça e equidade: supressão dos armamentos; reconhecimento da necessidade de rodear a Paz de todas as garantias jurídicas e meios de defesa; e, por último, intenção de melhorar as condições de vida material e espiritual dos povos.

Em todos os católicos do Mundo não pode deixar de causar o mais intenso regosio o facto dos princípios da «paz justa e honrosa» proclamada pelo Santo Padre terem sido incluídos entre os objectivos de guerra que a Grã-Bretanha, secundada moral e materialmente pela América do Norte, se propõe atingir e realizar.

Aqueles mesmos que não pertençam ao grémio da Igreja de Cristo terão, ainda assim, a independência de espírito necessária para reconhecer que a doutrina dos fundamentos da Paz preconizada pelo Santo Padre satisfaz todas as exigências de qualquer consciência bem formada.

A Igreja foi, em todos os tempos, a maior defensora do património espiritual do mundo: nenhuma instituição defendeu com mais amor os direitos e liberdades da humanidade.

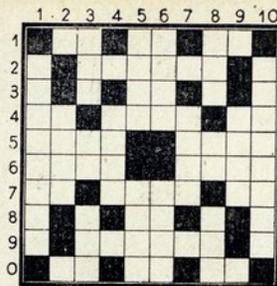
«O desprêzo pela liberdade e vida humana constituem actos que clamam a vingança divina», afirmou o Santo Padre Pio XII.

A identidade de opiniões — quanto aos pontos basilares da Paz — entre o Vaticano, Londres e Washington não constituiu surpresa para todos aqueles que, para além dos factos da guerra se empenham em analisar os princípios que norteiam os governos envolvidos no grande conflito mundial.

Quando designou o seu representante pessoal junto do Chefe da Igreja Romana, na carta dirigida ao Sumo Pontífice, o Presidente Roosevelt exprimiu-se da seguinte forma:

«Quando soar a hora do restabelecimento da paz mundial, sobre bases mais seguras, será da maior importância para a Humanidade e a Religião que os ideais comuns se exprimam em unísono».

Apenas sublinhamos duas palavras...



PROBLEMA N.º 23

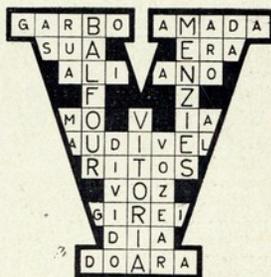
HORIZONTAIS

- 1 — Medida inglesa equivalente a 0,33^m.; Letra grega; Interjeição.
- 2 — Apellido do Embaixador da Inglaterra em Moscovo.
- 3 — Cãhamo da Índia ou de Malila.
- 4 — Nada (popular); Recipiente; Preposição.
- 5 — Membro do povo que outrora ocupava o Perú; Vigio.
- 6 — Estrela (ingl.); Individuos de grande valor e notoriedade.
- 7 — A ti; Apêndices laterais dos aviões; Pronome reflexo.
- 8 — Prefixo de negação.

- 9 — Apellido do Ministro do Comércio da Gran-Bretanha.
- 10 — Caminhe!; Porções iguais (med.); Artigo (pl.).

VERTICAIS

- 1 — Aplico.
- 2 — Perante.
- 3 — Repetição dum som; Neste lugar; Partida.
- 4 — Atravessa.
- 5 — Pilha; Sorte.
- 6 — Capas de irmãos de confrarias; Quarto trazeiro dos animais.
- 7 — Ovários dos peixes.
- 8 — Gasta; Pertences; Moeda de prata da Índia inglesa.
- 9 — Pronome pessoal.
- 10 — Obsequiar.



Solução do problema n.º 22



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETENIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

REFLEXOS DO MUNDO

No altar da Pátria

Chama-se Lady Rachel Mac Robert e tinha três filhos. O mais velho

era Sir Alasdair e morreu quando pilotava um avião em 1938. O segundo — Roderic — que sucedera no título de baronete ao irmão, foi atingido mortalmente num recontro aéreo no dia 22 de Maio passado. O terceiro era Sir Iain que, com o título, recebera dos irmãos a missão de continuar combatendo o inimigo. Não regressou, no dia 30 de junho, de um raid sobre território inimigo. O mistério serviu-lhe de túmulo.

A mãe, não tendo mais filhos para oferecer no altar da pátria, enviou ao Ministro do Ar, Sir Archibald Sinclair, um cheque de 25 mil libras para a compra dum bombardeiro. Será ele o instrumento vingador!

«Não tenho outros filhos a quem deixar o dinheiro, escreve ela. Emprego-o em dar asas aos que defendem o mesmo ideal por que morreram.»

Autógrafo de Roosevelt

O facto é vulgar e só por ser de quem é merecedor se cita.

A filha mais nova do Primeiro Ministro Churchill, que os seus compatriotas e o mundo consideram

maior que Pitt, o grande político que combateu Napoleão, falava numa recepção com um jovem adido da embaixada americana.

Miss Churchill manifestava-lhe a sua admiração pelo Presidente Roosevelt e o seu desejo de ter o retrato d'ele autografado.

Passados dias recebia-se em casa do Primeiro Ministro a fotografia do herdeiro de Lincoln e Washington — herdeiro no

cargo e no ideal — autografada para a filha do que tão ardentemente tem defendido a liberdade do Mundo.

O facto deu-se há bastantes semanas já. Se tivesse sido há pouco tempo o portador da fotografia poderia ter sido o próprio Churchill.

A fé de Célímène

Há dias dissemos aqui como em certos meios da sua pátria se suscitaram dúvidas acerca da origen de Cecile Sorel. Só se

fôsse ariana, pretendiam, ela seria o que é indiscutivelmente, qualquer que seja a sua raça, uma grande actriz.

Uma revista traz-nos agora um eco da

grande e popular Célímène em que ela mostra o seu talento subtil e discordante na França ocupada.

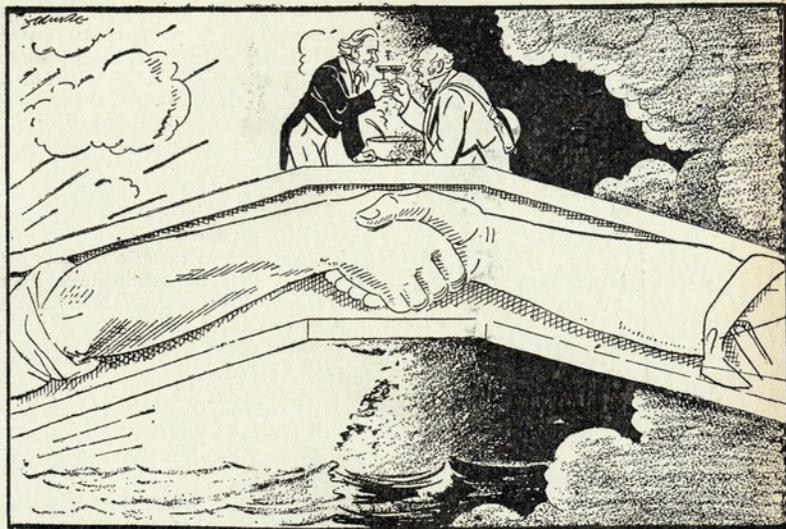
«Como nos sentimos bem, diz, na atmosfera dos cânticos religiosos que fazem os grandes eleitos... O que é a glória que pagamos por um preço tão elevado? O que é o amor que julgamos apertar durante algumas horas contra o nosso coração?... A verdadeira vitória, a que põe o mundo inteiro a nossos pés, é a nossa Fé.»

Como se vê a alma de Célímène continua a ter fé e o seu coração, como muitos outros, por certo que não perdeu a esperança.

Pintores de ruínas

Felámos há tempos dos pintores que nas ruas de Londres immortalizam na tela as ruínas gloriosas da capital britânica, que são o melhor testemunho do seu heroísmo indomável.

As melhores encomendas vêm da América, por vezes, com recomendações expressas para pintar este ou aquele sítio, que têm de ser rapidamente executa-



A «entente» anglo-americana é um facto e uma força!

das, visto Londres estar a ser reconstruída em larga escala.

Não se imagine que só os pintores desempregados — os pintores que eram apenas por usarem cabelo comprido — encontram a sua inspiração nessas ruínas. Frank Beresford, o tão notável retratista, tem fixado na tela o aspecto guerreiro da cidade do Tamisa.

Os seus locais preferidos são o Temple e a Catedral de São Paulo.

Pulmões de aço



Quási todos os hospitais ingleses têm o pulmão de aço.

O caso foi o seguinte: grassou uma epidemia de paralisia infantil e muitas vidas se salvaram devido a um dêsse preciosos e caros instrumentos.

Então Lord Nuffield abriu a sua alma de Mecenas e com o dinheiro dos seus carros comprou pulmões de aço às dezenas que distribuiu pelas principais casas de saúde.

A generosidade dêsse milionário tem já salvo muitas outras vidas e continuará salvando ainda mais.

Compras por atacado

Milan Stoyadinovitch é hoje prisioneiro dos ingleses. O homem que, durante anos, trabalhou para mudar a orientação política da Jugoslávia tinha dois prazeres: o da mesa e o da caça.

Era também excelente finan-

ceiro, não descurando nunca a causa própria.

Quando Presidente do Ministério Jugoslavo foi recebido em Berlim triunfalmente como nenhum político estrangeiro o fôra ainda.

Acompanhado por Goering, visitou o salão automóvel. Os esplêndidos Mercedes Benz atraíram a sua atenção. Stoyadinovitch encaminhou-se para junto do mais luxuoso, que devia ser também mais caro.

— Quanto custa? — pergunta ao dirigente da economia do Reich.

— Para si, meu caro Presidente, o preço é um marco...

— Pois bem. Compro dois respondeu serena e calmamente Stoyadinovitch, passando ao outro uma moeda de dois marcos.

O negócio não foi proveitoso.

Use o material fotográfico

ILFORD

PELICULAS/CHAPAS/PAPEIS

ILFORD LIMITED
ILFORD LONDON



à venda nas casas de artigos fotográficos

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

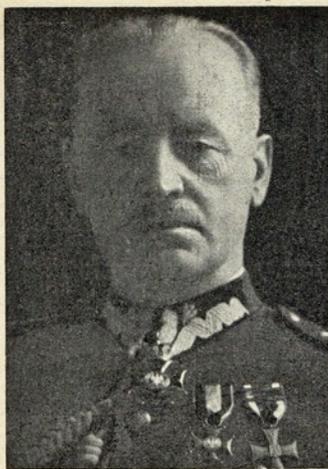
UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desapareceu como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA





GENERAL SIKORSKY

A assinatura recente do acordo entre a Polónia e a U. R. S. S. realizada em Londres com a assistência do Primeiro Ministro e do ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, veio dar uma actualidade nova à personalidade e à acção do general Sikorski, chefe do Governo polaco no exílio.

O general Sikorski nasceu em 1881 e entrou, muito novo, na Escola Militar frequentando o curso de engenharia. Revelou-se desde os bancos de escola, um militar estudioso e competente.

Partidário entusiástico da independência da Polónia, alistou-se na legião organizada pelo marechal Pilsudski. Combatente heróico da causa da independência, tomou uma parte activa nas batalhas que essa causa suscitou durante a Grande Guerra e depois dela.

Reconstituída a nação polaca defendeu arduamente as suas fronteiras. A sua acção na luta contra a exércitos invasores e especialmente na defesa de Varsóvia, em colaboração estreita com as mais notáveis personalidades da Polónia e com os oficiais franceses que se associaram a esse empreendimento, deve considerar-se decisiva. Sobre a campanha de libertação escreveu o general Sikorski um livro, considerado clássico, nos meios militares de todo o mundo.

No período que se seguiu, entre 1921 e 1925, o general Sikorski desempenhou as mais elevadas funções políticas, entre elas, as de ministro de Guerra e chefe do Governo. Em 1926 manifestou a sua discordância quando se deu o golpe de Estado do marechal Pilsudski, e acentuava essa discordância perante a política de aproximação com o Reich, realizado pelo ministro dos estrangeiros, coronel José Beck.

Entre 1926 e 1939 viveu no estrangeiro, quasi sempre em Londres e Paris, onde tinha numerosas relações. Depois da derrota da Polónia em setembro de 1939, assumiu a chefia do governo polaco no exílio, acumulando estas funções como as de comandante da Legião Polaca que há dois anos colabora estreitamente com as tropas britânicas.

O mérito da iniciativa

Ao fim de dois anos de guerra, pode assinalar-se um factor essencial que condiciona agora a sua evolução. A iniciativa deixou de ser um elemento de pensamento e de acção exclusivamente reservado a um dos contendores. Dir-se-ia, pelo contrário, que a capacidade de imaginar e de realizar, com rapidez e segurança, mudou de campo, continuando a figurar como um elemento predominante para a realização da vitória.

Desde que, com a ocupação da Renania, se iniciou a série de golpes diplomáticos e militares que condicionaram a vida da Europa durante três anos, as potências do «eixo» adiantaram-se sempre na execução dos seus objectivos transformando a teoria do facto consumado numa regra de conduta para a convivência internacional. O Anschluss, a invasão da Albânia, a ocupação da Checoslováquia são exemplos, duma história recente, que ilustram a doutrina consagrada e justificada em Berlim e em Roma.

Já depois de desencadeadas as hostilidades o mérito da iniciativa apareceu, ainda durante certo tempo, confinado num dos campos em luta. As conferências e reuniões dos chefes políticos, inesperadas e reveladoras, eram o prólogo das ofensivas militares. As negociações rápidas e voluntariosas constituíram o prefácio da guerra relâmpago.

Os acontecimentos das últimas semanas indicam claramente que as lições duramente recebidas aproveitaram. A entrevista do «Potomac», a colaboração estreita dos técnicos anglo-americanos para a economia e para o rearmamento, as viagens ininterruptas de personalidades predominantes, como os embaixadores Halifax e Winant, Lord Beaverbrook e Harry Hopkins, entre Londres e Washington, organização de sistema de represas económicas no Extremo Oriente que se seguiu à ocupação da Índia por tropas japonesas, a decisão diplomática afirmada em Hilsinquia e Ankara, a ofensiva fulminante tomada no Iraque, na Síria, no Irão são sintomas inequívocos duma transformação radical da situação.

A surpresa e audácia deixaram de ser apanágio dum contendor. A ofensiva do general Wavel e a ocupação da Somália são exemplos típicos da nova táctica militar anglo-saxónica. No terreno mais delicado da acção política, a entrevista do «Potomac» revestiu-se dum carácter sensacional, e mesmo espectacular próprio para impressionar o sentimento e a imaginação da multidão. Sob esse ponto de vista, essencialmente publicitário, nada ficou a dever aos tradicionais encontros que costumam juntar no Brenner os chefes das nações totalitárias.

O dinamismo, justamente considerado como um factor de importância capital na condução das operações e na preparação das negociações diplomáticas, assinala os episódios mais recentes da actividade desenvolvida de Londres e Washington. Nas duas capitais por mais uma vez se acentuou, em discursos, em artigos de jornais e revistas e em livros, que a imaginação desempenha na guerra como na paz, um papel decisivo. Houve quem chegasse a propor a organização dum «trust» de cérebros idêntico ao que foi criado quando do «New Deal». Os governos responsáveis resolveram encarregar-se dessa missão e os resultados conseguidos começaram a pesar na avaliação geral da condição em que a luta se desenvolve nos campos de batalha e nas chancelarias de todo o mundo.

O OBSERVADOR

Os transmontanos gente do lado de lá do Marão, almas rudes, dos que só sabem dizer o que sentem, reuniram-se num congresso, para afirmar bem alto das necessidades e desejos da sua provincia. O Presidente da República — que é o primeiro dos transmontanos — tem tomado parte activa no congresso, presidindo a algumas das sessões.

Das canseiras que a sua missão lhe pode trazer sentiu-se o venerando Chefe do Estado bem recompensado. Há dias, numa das sessões do congresso ouviu prestar homenagem à nobre figura de seu pai, o general Inácio Carmona. A sua vida de militar e o seu acrisolado amor à familia foram evocados num trabalho notável, o que sensibilizou profundamente o Chefe do Estado.

Que grande monumento de saúde a nobre provincia lhe deu!

Panorama da guerra



OS Estados Unidos alinharam ao lado da Inglaterra.

A conferência do Atlântico não foi mais que o coroamento duma política, que dia após dia, se tem traduzido em factos concretos. Resta ratificar, agora, a posição de combate da América, atitude decisiva que a todos se afigura iminente. O panorama da guerra está, pois, definido. Conhecem-se já os factores capitais da luta e qualquer pormenor novo que possa surgir tem uma importância mais que restrita. O curso dos acontecimentos é agora fácil de prever. Campanha de Inverno na Rússia. Domínio na batalha do Atlântico. Ofensiva da R. A. F. Estados Unidos na guerra. São estes, entre outros os principais elementos do terrível jogo que se desenvolve no Mundo. A partida pode demorar ainda tempo, mas a solução que nós previmos é já tão clara que não há lugar para dúvidas ou impaciências. É estranho, que apesar de tantas variantes, esta guerra, é afinal, uma reedição da que ensanguentou o mundo há uns bons vinte e cinco anos.

Spitzberg

A ocupação do Spitzberg é mais um elo da cadeia de aço com que a Inglaterra abrochou os seus inimigos. A conquista quasi total do continente responde ela com a posse de todas as posições exteriores. É uma linha de cerco que abrangem agora, não só a Europa invadida, mas ainda o Médio Oriente. Os mares pertencem-lhe. As chamadas linhas interiores de guerra que a alguns tácticos se afiguram excelentes, corresponde um envolvimento estratégico completo, que é ainda melhor — porque as limita.

Não tem sempre um conteúdo de tomar a forma do seu continente?

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

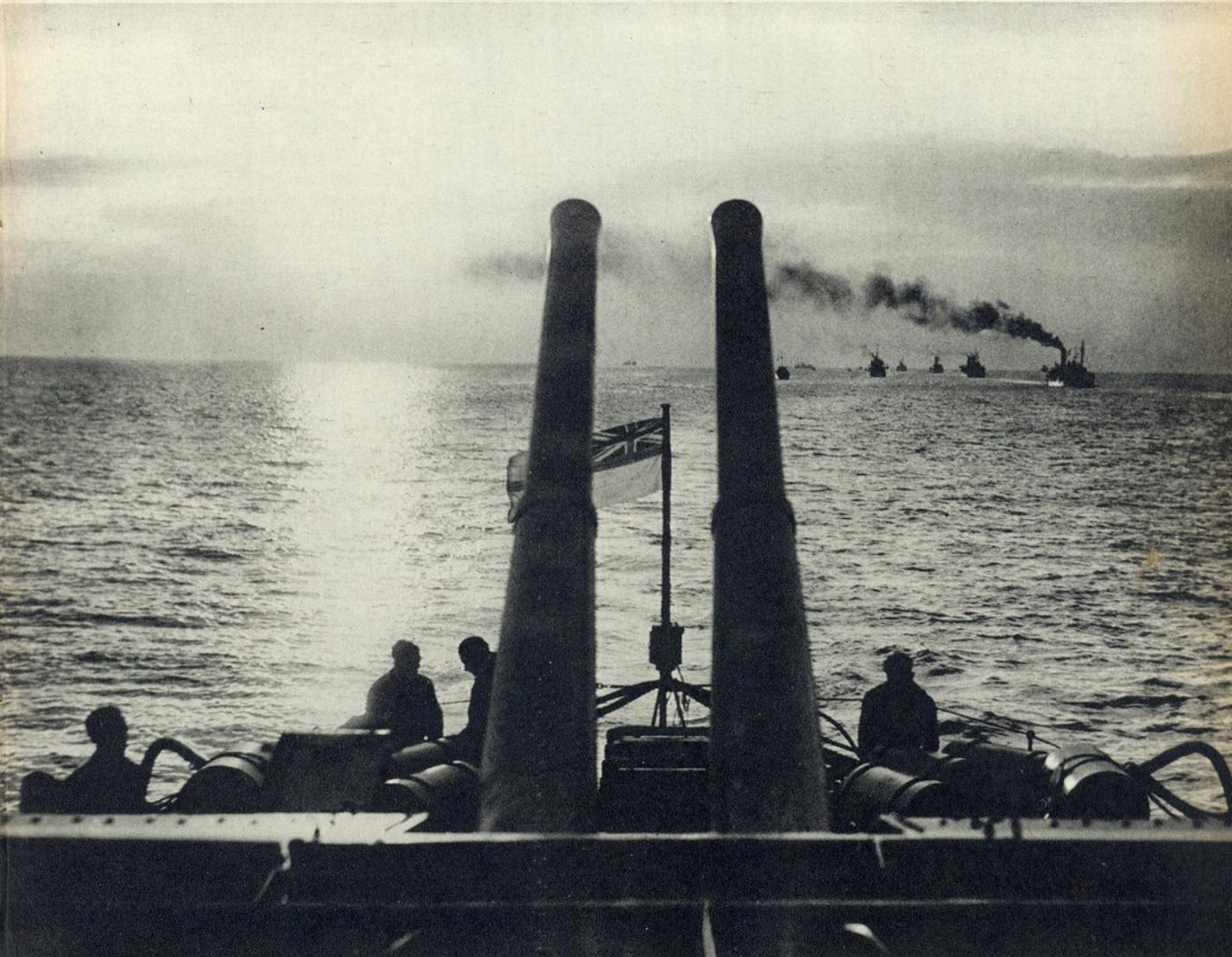
Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A INGLATERRA E OS ESTADOS UNIDOS VENCERAM A BATALHA DO ATLÂNTICO. OS PODEROSOS CANHÕES DA ARMADA BRITÂNICA ESCOLTANDO UM COMBOIO NA MANCHA

O BLOQUEIO BRITÂNICO

Diferenças entre a guerra actual e a conflagração de 1914-1918

O bloqueio é uma tática e uma doutrina de guerra. A Gran-Bretanha usou dele durante a última conflagração e na guerra actual, exercendo-o, em extensão e em profundidade, graças à sua incontestável superioridade naval. Em novembro de 1918, os povos vencidos reconheceram, sem dificuldades que os seus efeitos tinham sido devastadores embora só se tivessem feito sentir a distância.

Que está acontecendo com o bloqueio

durante o actual conflito? Os métodos de acção são, sensivelmente os mesmos que foram aplicados há vinte cinco anos. Mas há modalidades de execução que estabelecem diferenças sensíveis e que vale o pena anotar para fazer uma ideia, tanto quanto possível exacta sobre a marcha dos acontecimentos.

Em 1914, a máquina de bloqueio teve de ser improvisada com todas as suas peças, em 1939 essa máquina estava mon-

tada. No primeiro caso levou cerca de três anos para funcionar a pleno rendimento; no segundo o mesmo resultado obteve-se ao fim de três meses. Esta diferença de tempo é essencial para a realização dos objectivos em vista.

Muitos dos homens que em 1914 inspiraram e realizaram a política britânica do bloqueio eram ainda vivos quando se iniciaram, em 1939, as hostilidades pela segunda vez. A sua competência técnica



No Mar do Norte, os "destroyers" ingleses, como galgos de aço, escumam as águas, varrendo o inimigo da superfície

e a sua experiência foram auxiliares preciosos do gabinete de guerra. Um dos primeiros actos d'este foi a instituição do ministério de guerra económica cuja direcção foi confiada a uma individualidade de primeiro plano na vida pública do seu país, o deputado Hugh Dalton.

Durante a conflagração de 1914-1918, os Impérios centrais beneficiaram, em larga escala, da existência de vizinhos que, com o seu auxilio sistemático, contribuíram para perturbar o funcionamento regular do bloqueio. A Holanda, a Suíça e os países escandinavos contribuíram largamente para o seu abastecimento usando processos que, dadas as concepções de guerra e de neutralidade então consagradas, não lhes faziam correr qualquer risco sério.

Desta vez a ocupação da Holanda e da Noruega, incluídas na zona de bloqueio, traduziram-se, automaticamente, por uma restrição na esfera de acção económica do Reich. No caso particular da Holanda essa restrição foi complicada pela circunstância de se tratar duma potencia colonial dispondo de recursos valiosos nas suas ilhas orientais.

A Suecia separada das rotas oceanicas pelo "hinterland", norueguês pode apenas fornecer os seus próprios produtos, especialmente o ferro.

Um factor de importância decisiva perturbou, durante a primeira fase desta guerra, o funcionamento normal do bloqueio. Foi o tratado de comercio germano-russo cuja assinatura se seguiu ao pacto de não agressão de 23 de Agosto de 1939.

Não é fácil calcular em que medida os russos serviam, ao lonho de viute meses

os interesses dos seus vizinhos. Ocupada numa preparação militar intensiva e no aperfeiçoamento duma autorquia económica tão perfeito quanto possível, a U. R. S. S. procurou, segundo tódas as probabilidades restringir as quantidades de matérias primas e de produtos alimentares que devia entregar nos termos do acórdo estabelecido.

Os peritos británicos calculam que, apesar disso, as culturas atingiram cifras apreciáveis: 2.500.000 toneladas de cereais, 1.000.000 de toneladas de carburantes (incluindo gasolina e óleos). Como zona de trânsito, o território soviético,

serviu, durante esse período, os interesses alemães permitindo um abastecimento apreciável de soja, importada do Manchuco (200.000 toneladas num ano) e de algodão vindo dos Estados Unidos (cem mil toneladas).

O problema mais grave criado pelo exercicio do bloqueio para os inimigos da Gran-Bretanha é o do abastecimento em carburantes. Neste ponto a finalidade do bloqueio conjuga-se com o exercicio dum monopólio que praticamente é hoje vencido pelos ingleses e pelos seus aliados actuais.

O abastecimento de origem russa cessou, ao mesmo tempo que o Reich deixou de beneficiar das facilidades de trânsito concedidas pelo transiberiano e pelo porto de Vladivostok.

O director dos serviços de imprensa da especialidade no Reich, dr. Tokarper, calcula que as fontes de abastecimento de que o seu país dispõe (stocks, fabrico sintético e jazigos de Ploesti) são insuficientes para satisfazer as necessidades e as exigências da guerra. A Gran-Bretanha e os seus aliados dispõem praticamente, das fontes naturais de carburantes existentes na América (Estados Unidos, Venezuela e México), na Asia (Irak, Iran e Indias Neerlandesas) e na Europa (Cáucaso). Essa circunstância não pode deixar de se fazer sentir no decurso das operações e na condução geral da luta. Aproxima-se o momento em que os factores de ordem económica começam a fazer-se sentir e a produzir os seus efeitos.

Carlos Ferrão



Em pleno Mediterrâneo, no intervalo de dois combates vitoriosos, os artilheiros duma peça de 16 polegadas tomam uma refeição



DESPERTAR



Dir-se-ia um jardim do templo dos Cinco Pagodes, na velha Peiping, pintado numa laca côr de esmeralda, que madame Chu-In-lang, esposa do sr. consul da China, Hsien-Tseng Iang, atravessa sorrindo, num encantamento evocador. Grutas em miniatura, aves anãs, pontes pequeninas, chuva de pétalas, deliciosa fantasia oriental, onde falta apenas um emblemático cão de Fò, à entrada secreta d'êste paraíso em flôr



Qual o nome de ave, de pássaro ou de flôr tem esta delicada figurinha de marfim?

A ESTUFA FRIA, JARDIM CHINÊS

...Logo a Estufa perdeu o frio que a contradiz!

As plantas verdes, de saúde delicada, que o Ocidente acabrunha e entedia, nas pessoas de burgueses que bocejam e seresmas que namoram, — as plantas verdes viram a Nova Flor! E houve um cício na folhagem, tecido em expectativa, rivalidade e anseio.

Expectativa: a Nova Flor viria para fiar? — A avenca afirmava-o.

Rivalidade: azáleas e hortênsias sacrificavam, loucas, pétalas à primasia de serem pisadas pelos pés delicados...

Anseio: begônias e cactos, congestivos, — as primeiras sarapintadas como cobras; êstes, vergonhosos dos picos acerados — turgiam seivas novas, quentes como sangue.

De algures, coado por folhinhas de espargos e chorões, chegava, lento e brando, o trovar dum poeta chinês anônimo, do século oito, traduzível assim:

«Para acrescentar brilho ao teu dourado reino é que as flores de oiro abriram no monte...»

O pulsar leve do coração, sob o Kimono, ritmava os passos leves da Nova Flor. A cadência era a mesma das ende-

chas e do fremir das folhas e da queda das pétalas:

«Eu sou a lua que caminha no céu ignorando a ameaça das colinas porque vogo muito alto!»

Muito alto! Demasiado alto!

Desmaiava um pouco a garrida confiança da côrte vegetal... Pois se os seus coloridos nada eram ante a Flôr de Pessegueiro que dera côr ao Kimono, ante a Flor da Ameixocira que dera sucos e desenho para enfeitar a ombrela da Chinezinha olímpica e miúda — escultura dum marfim que fôsse novo e dócil (não



No espelho prateado do lago, a grande «borboleta» multicôr, tão frágil como uma porcelana da dinastia Ming, reflete-se num doirado clarão de sonho. A esteira do tecto parece a vela de um daqueles «sampan» que sobem preguiçosamente o Yang-Tsé-Kiang, entre densos bambús, cordas de harpa sussurrando ao vento, e maravilhosos lotus azuis que florescem de cem em cem anos, numa misteriosa e fragante eternidade



E o jardim maravilhoso encontrou a sua alma perfeita neste oriente de beleza!

duro e velho como o dos amarelados ídolos...)

Desmaiava a confiança. Só a luz, joierada pelas frestas da verde Estufa, longe de desmaiar, estrugiu em auréola à Nova Flor, para vexar as demais. Olímpica, — seguia, pisando leve...

Não; não ficaria para sempre, ali! Nem a avenca rendada se atrevia já a esperá-lo; apenas o pedia ao deus das plantas, na prece múmura dos seus bracinhos de ébano com bordados de jade.

E o sacrifício de hortênsias e azáleas fôra inútil: os sapatos pequeninos evitaram passar sobre os destroços do suicídio perfumado.

A malhas das begônias e os espigões dos cactos acerram-se de despeito.

Passara por eles sem um soslaio sequer dos seus olhos de amendoa!

Então, certa peonia, sábia embora nascida há pouco, quiz explicar e segredou à hera:

— Nós somos, tôdas, banais e chãzinhas... Não nos quere! Saibas que, na requintada China, ha requintadas plantas que nem sonhamos: mais desgraçadas, algumas, do que o aloés — morto ao florescer, sem nunca vêr seus frutos!... Outras, com nomes de gestos e sentimentos humanos: a Acrimónia, o Desdem, a Meiguice, a Humildade... Lá, — são flores!

— Veio, então, vêr se existiam aqui tais raridades... — e a hera, soberana da constância mas sempre a espreguiçar-se, espreguiçou-se mais.

Mas um grande pasmo sacudiu todo aquele mundo enclausurado e oloroso, ao vêr a figurinha da Nova Flôr debruçar-se sobre um laguito escondido, para beijar e colher um Lótus aberto nessa manhã e que ninguém vira ainda.

A Litania do poeta chinês, entoava-a agora a água, ligeiramente agitada pelas cordas dos dedos delicados. E ouviu-se:

«Tantas pérolas de água que a minha mão não pode contar, cáem como pingas de sangue, sem parar... Quem cortou a vida da flor? Foi outra flor de Seda e Carne: a Mulher!»

Rodrigo de Mello

MALAI A a CHAVE do ORIENTE

A Inglaterra e os Estados Unidos mobilizaram as suas forças navais e aéreas para a defesa do Índico e do Pacífico

Singapura, a grande base naval inglesa é hoje a mais poderosa defesa contra todas as tentativas de expansionismo nipónico, não só dominando os estreitos de Java, Sumatra e Bornéu, mas ainda guardando a estrada de Burma, na Índia, cujo tráfego abastece os exércitos de Chang-Kai-Chek, e a integridade política e militar da valorosa Thailandia



UMA PATRULHA DESBRAVA A SELVA: Os soldados do Império estão sempre onde pode haver perigo

OS AUSTRALIANOS TAMBÉM AQUI ESTÃO: Estas imensas florestas tropicais já não têm segredos para aqueles valentes soldados



UM ARTÍFICE DA VITÓRIA: O tenente-general A. E. Percival, um dos chefes da defesa de Singapura

A INGLATERRA EM ARMAS



Campos, vales, rios, tudo serve para manobras na Gran-Bretanha. Uma admirável carga de infantaria num alinhamento perfeito



Um soldado moderno tem que saber saltar tão bem como o ginásta. A rapidez e precisão dos movimentos é tudo



O soldado converteu-se em marinheiro. O espaço ocupa-se de qualquer maneira seja ele qual for. Decisão, energia, iniciativa individual, eis as características dos "tommies"



Os cursos de água já não são, como outrora uma defesa. Este soldado atravessou um largo rio com todo o seu equipamento



Era preciso avançar. Constituiu-se uma passagem com vigas de madeira e a infantaria corre, impetuosamente, a passo de carga, em busca do inimigo



Do outro lado está o inimigo. Os muros são assim transpostos por um exército que está apto a todas as emergências



Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde o arquitecto prof. Cristino da Silva

Cristino da Silva, tem o seu melhor elogio na sua obra. Professor da Escola de Belas Artes, arquitecto notável, foi um dos artifices da Exposição do Mundo Português, onde o seu talento e sensibilidade criaram monumentos que a efemeridade do certame não apagou. O seu sonho de artista é a transformação do Parque Eduardo VII. O vasto plano de modificação e os trabalhos preliminares são trabalho seu. A realização de tão vasto e monumental projecto não pertence ao lote das coisas irreais e ficar-se-lhe-á devendo também.

E' sobre o seu sonho que o illustre artista vai falar:

A maior parte da superfície urbanizada da Cidade de Lisboa, pode considerar-se sem favor, francamente, bonita, destacando-se em primeiro lugar entre os mais belos trechos da Capital, todos os locais situados nas vastas encostas que de Algés até Xabregas se desenvolvem ao longo da margem Norte do Tejo. Todos os grandiosos panoramas que desses locais se disfrutam, correspondem a vastíssimos trechos de urbanização em que a natureza desempenhou as funções de um genial architecto paisagista.

Essa série de maravilhosos panoramas, atin-

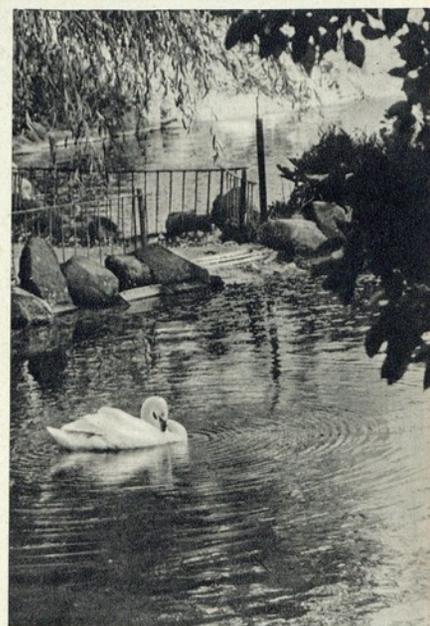
ge o seu máximo esplendor na cota mais elevada do Parque Eduardo VII.

Colocando-se o observador no prolongamento do eixo da Avenida da Liberdade, em frente da rua Marquês da Fronteira e voltando-se para o Sul, encontrará na sua frente o mais belo e grandioso panorama que lhe é dado apreciar.

Tendo como fundo a Serra de Arrabida e de Palmela, êste panorama é limitado a nascente pela Penha de França e pelo Castelo e a poente pelo Carim, pelo monte de S. Pedro de Alcantara e pelos Altos da Patriarcal. No eixo, lá muito em baixo, vê-se o vasto conjunto da Baixa Pombalina rematada pela imponente Praça do Comércio.

Vários architectos urbanistas estrangeiros que teem visitado o local confessam-se maravilhados e lastimam que êsse precioso ponto de vista da Capital esteja entregue ao mais completo abandono.

Este local, se um dia fôr convenientemente valorizado e integrado no conjunto do plano da cidade com a necessária e adequada monumentalidade, passará a ser o mais belo trecho de urbanização da Europa «graças ao Supremo Architecto».



Os cisnes brancos, que Ruben Dario romanticamente legendou



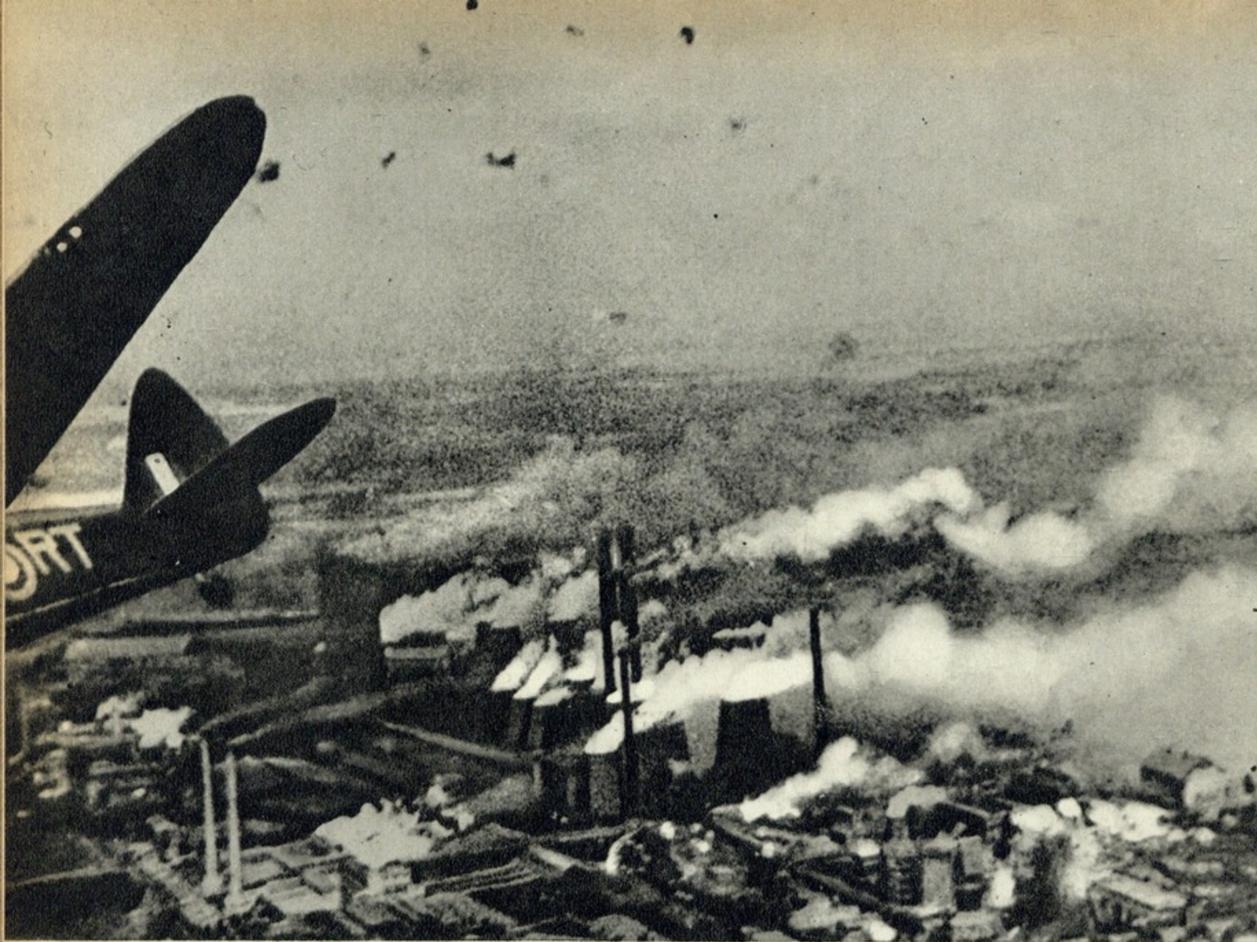
Na pergola do Parque Eduardo VII, recanto predilecto dos namorados.



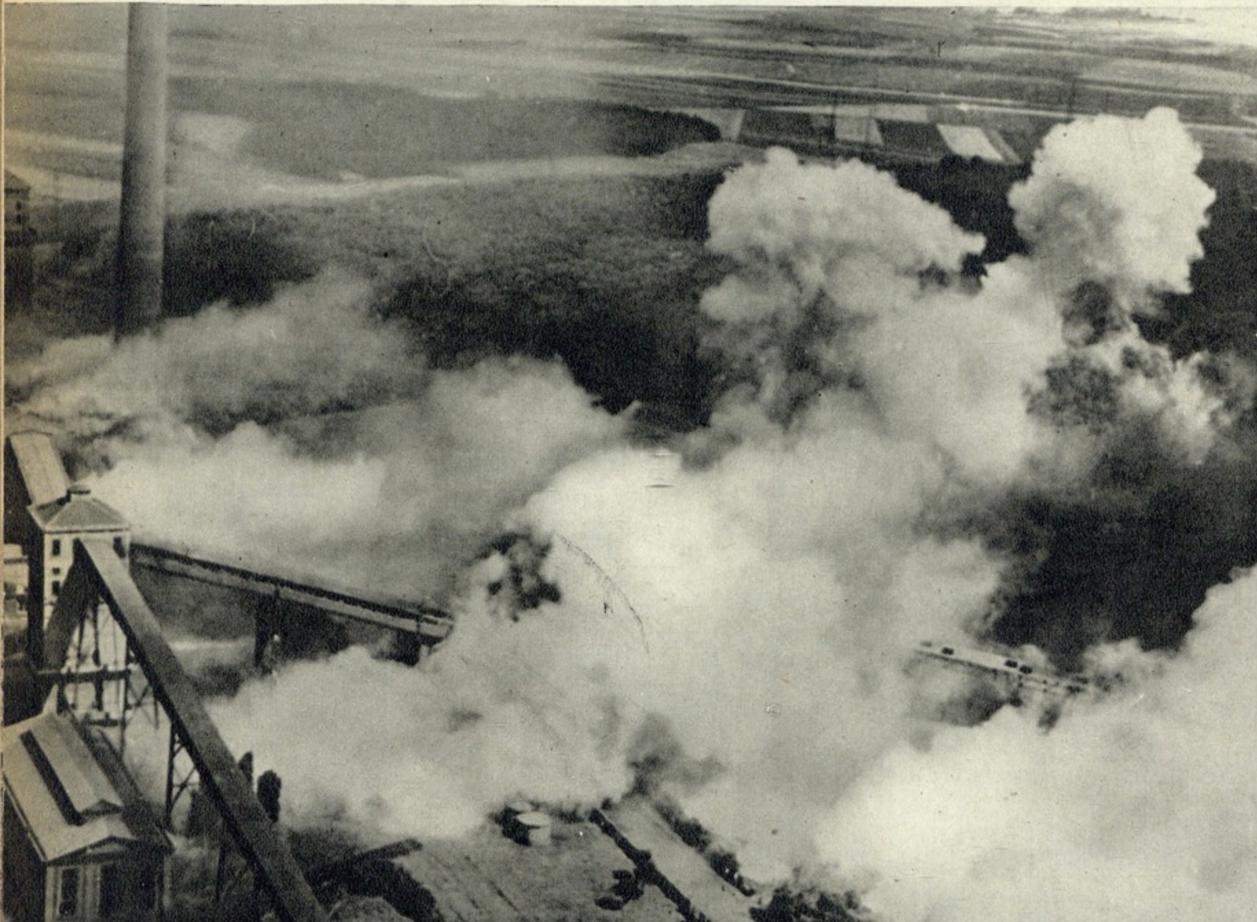
Uma alea do Parque, ensombrada pelas mimosas em flôr



UM PROTESTO ORIGINAL. EM VIRTUDE DO RACIONAMENTO DO VESTUÁRIO
UM CIDADÃO HOLANDÊS RESOLVEU SAÍR ASSIM À RUA EM AMSTERDÃO



Berlim, Kiel, Bremen, Colônia, e muitas outras cidades alemãs estão agora a ser duramente marteladas pelo fogo da R. A. F. que prossegue na sua ofensiva gigantesca aumentando cada vez mais o seu potencial de fogo. Eis uma impressionante fotografia dum ataque a Colônia. O avião britânico apesar das anti-aéreas esburacarem o céu raze a trinta metros do solo deixando em chamas as geradoras eléctricas



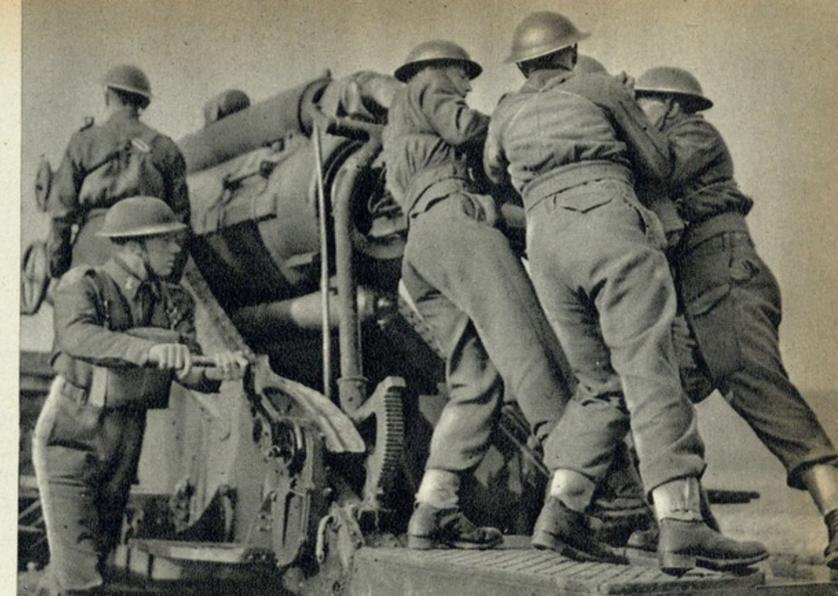
Outro "raid" da R. A. F. a Colônia, este de dia, com terríveis efeitos destruidores sobre a sua zona industrial. O avião desceu vertiginosamente e atingindo, o objectivo de pequena altura, colocou algumas potentes bombas em edificios fabris de grande importância. Estes espessos rolos de fumo, que se desprendem dum mar de chamas, demonstram a precisão com que os aviadores ingleses acertaram no alvo



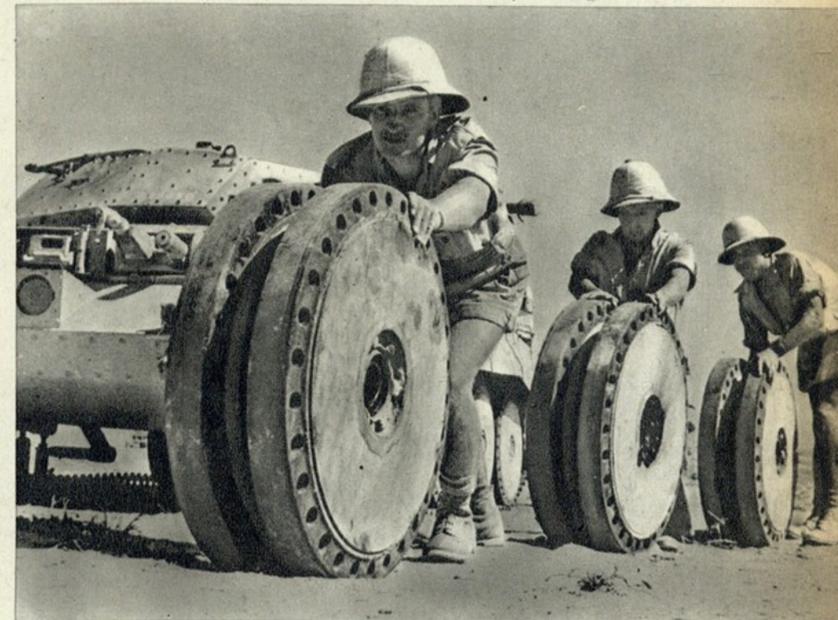
A Inglaterra é hoje um vasto campo de manobras. Milhões de soldados treinam-se continuamente, aperfeiçoando as suas qualidades militares. O heróico soldado inglês da Grande Guerra, da epopeia de Dunquerque, da conquista da Líbia e da defesa de Creta, aguarda a hora H para renovar as suas façanhas



E Tobruk resiste sempre! Nada a vence, nada a subjuga. Há longos meses que dura o seu cerco e os seus muros esfarrapados, defendidos pelos soldados do Império, são como uma cunha de aço no flanco do adversário. Uma das patrulhas que se internam no território inimigo para colher elementos de informação



A costa inglesa está defendida por milhares de canhões de grande calibre. Eis um "Howitzers" de 9,2 cujas granadas pesam, aproximadamente duzentos quilos. Estas poderosas peças costumam rugir com frequência sobre a Mancha respondendo implacavelmente ao inimigo



Qualquer "tank" inimigo com avarias que é apreendido, sofre, imediatamente, reparações. Os soldados ingleses têm-se revelado excelentes mecânicos. Aos blindados antes de entrarem nas oficinas são-lhes retiradas estas pesadas rodas de ferro que, dificilmente, rolam pela areia



A ocupação de Palmira. Entre as ruínas velhas de séculos que tantas civilizações viram passar, e que o Sol adormece num doirado esplendor, os soldados de Kipling avançam abrindo caminho para o grosso das tropas que se aproxima ao lado das Forças Livres Francesas



O sorriso confiante do grande ministro inglês, ao desembarcar em Londres, depois de ter conferenciado com Roosevelt

A mensagem espiritual de Churchill

QUANDO me sinto com disposições socráticas e faço o plano da minha República, penso vêr as transformações radicais que introduziria no sistema de educação das famílias ricas. Aos dezasseis ou aos dezassete anos os rapazes deviam aprender um ofício. Este aprendizado devia ser interrompido por períodos de descanso a preencher com poesias, canções, dansas e ginástica. Poderiam assim dar livre curso às suas tendências.

Só aqueles que revelassem sinceramente o desejo de aprender deveriam entrar nas universidades. Seria como um privilégio ambicionado, a conceder apenas aos que se mostrassem dignos d'êles e que, depois de se terem experimentado, nos campos e nas oficinas, revelassem qualidades excepcionais. Isto não deixaria de representar uma revolução. No fim de contas, a emoção produzida acabaria por me colocar, também a

mim, em frente dum copo de cicuta.

Durante as leituras a que me dediquei nos dois anos seguintes, fiz, várias vezes, a mim próprio várias perguntas a propósito da religião. Até ali aceitara respeitosamente o que me haviam ensinado. Mesmo em férias devia ir, uma vez por semana, à igreja. Em Harrow assistia, aos domingos, a três serviços religiosos, além das orações da manhã e da tarde. Tudo estava bem. Du-

rante êsses anos acumulei tais reservas na minha conta de práticas e deveres religiosos que, depois, passei a viver, quasi exclusivamente, do capital adquirido. Os casamentos, baptisados e funerais a que assisti, deram-me ainda uma soma apreciável de juros. Desta maneira pude, com certa liberdade, pôr de parte o balanço que tinha organizado. É possível que, a esta hora, as minhas provisões se tenham esgotado. Mas, durante o resto da minha mocidade, não havia que recar sequer semelhante eventualidade.

Para o exército havia cerimônias religiosas, indo os católicos e os protestantes à igreja. Mas a tolerância, nessa matéria, ultrapassava os limites da indiferença. Nunca ninguém foi incomodado por causa das suas crenças. Todos tinham as facilidades necessárias para as praticar. No Panteon imperial da Índia foram colocadas, por uma rotina respeitosa, com divindades das mais diversas religiões. Por vezes no regimento discutíamos e perguntávamos uns aos outros: «Continuaremos a viver, depois da morte, num outro mundo?» «Já vivemos num outro mundo antes de nascermos para este?» «Depois da morte reconhecer-nos-emos uns aos outros ou recomeçaremos, como querem os budistas, uma vida diferente?» «Os destinos do mundo estão confiados a uma inteligência superior ou ao acaso?»

Em geral concluíamos que pouco importavam essas perguntas, desde que levassemos uma vida honrada e cumpríssemos os nossos deveres, sendo fiéis para os amigos, indulgentes para os fracos bons para os pobres. E' o que, no nosso tempo, se poderia chamar a religião das boas disposições.

Entre os oficiais mais velhos discutia-se, por vezes, o valor da religião cristã. A's mulheres ensina-as a ser virtuosas; aos pobres diz-lhes que, embora não sejam felizes na terra, encontrarão no céu a felicidade que merecem. O cristianismo tinha também a força duma disciplina, pelo menos tal como o concebiam os anglicanos. O que tudo considerado tornava os homens respeitosos, obrigava-os a conservar as experiências e afastar d'êles a ideia de fazer escândalos. Consideradas sob este ponto de vista as cerimônias religiosas perdiam o seu significado particular, e exprimiam uma ideia comum, embora traduzida em diversas linguas para se aplicar a diversas raças.

O excesso de religião podia ser prejudicial, especialmente entre os indigenas. Quando se transformava em fanatismo conduzia-os, facilmente, à prática de actos pouco louváveis. Era êste, de resto, o critério dominante no meio em que eu então vivia.

Os contactos frequentes com o perigo deram-me, nos anos que se seguiram, um certo equilibrio. Verifiquei que, quaisquer que fôsem os meus argumentos e as minhas opi-

(Continua na pág. 29)

CADETES DA R. A. F.



Trinta mil pilotos da R. A. F. são instruídos anualmente na América, segundo o plano imperial. Eis um grupo de cadetes, audazes cavaleiros do ar, num centro de instrução dos Estados Unidos.



Este já é piloto! Os seus camaradas ingleses e americanos sujeitam-no a esta pitoresca prova, obrigatória no final do curso, pretexto para alguns momentos de bom humor



Um oficial da aviação da U. S. A. felicita um jovem piloto inglês que prestou brilhantes provas. Agora que venceu os céus imensos está impaciente de se lançar no combate



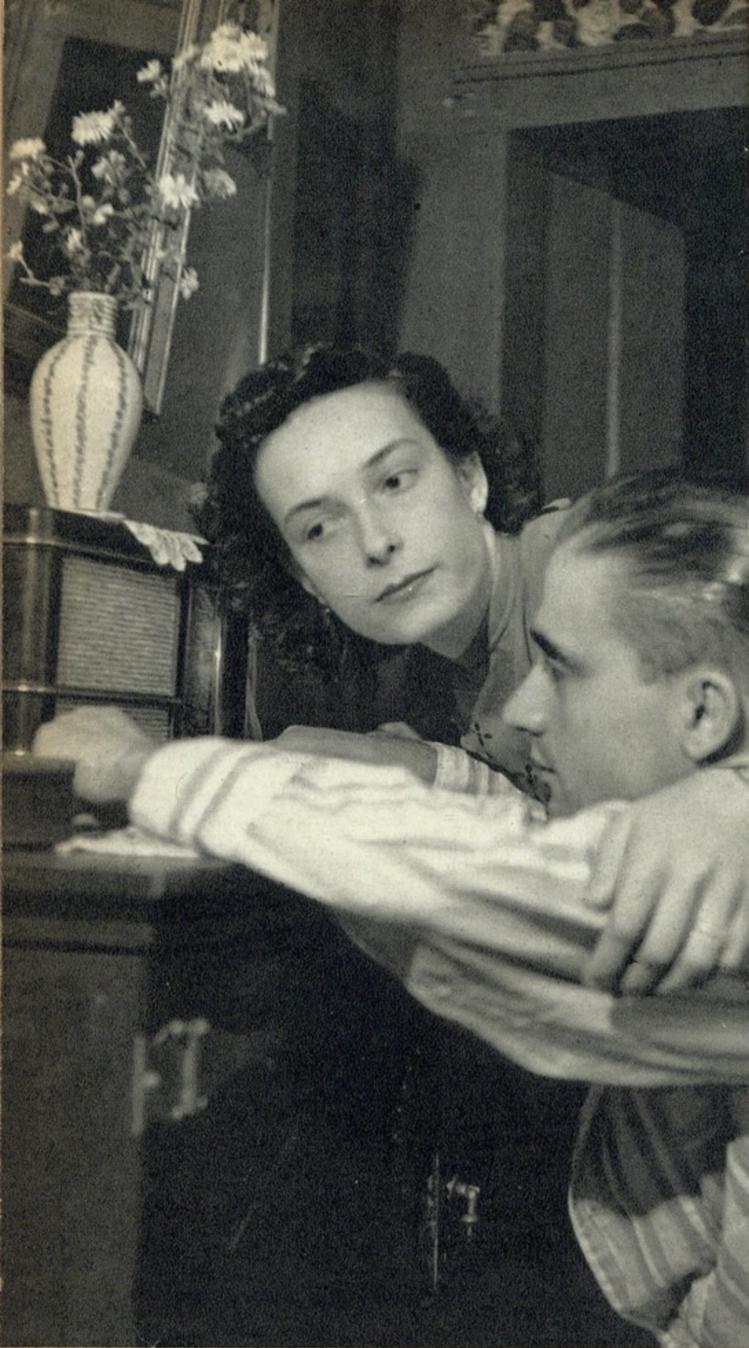
Esta "água", inglesa é um dos cadetes em instrução nos campos americanos. Tem 20 anos, e no seu tipo vigoroso, soberbo de energia, adivinha-se um futuro herói



A R. A. F. é hoje uma legenda de glória. "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos" disse Churchill. Todos os dias "nascem", na América, novos aviadores, irmãos dos que ganharam a batalha de Londres



Tôda a manhã voaram, dominando o espaço, e agora, em terra, saboreiam uma sumarenta melância da Califórnia, admiráveis de mocidade e de invencível audácia



De Londres o sr. Conde de Lavradio fala à mulher portuguesa com sentida emoção



Numa casa de pasto, a freguesia reúne-se tôdas as noites para escutar a emissão inglesa. Parecem satisfeitos!



Depois do almoço. Captou-se a B. B. C. em onda curta. As primeiras informações do dia e a palestra da noite anterior.



Para ouvir a tradução dum discurso do Primeiro Ministro tôdas as atenções são poucas

OUVINDO a B. B. C.

“A estação de Londres da B. B. C. vai iniciar o seu noticiário em português!

São dez horas da noite. Capta-se a onda. E' aqui! A voz do grande império que dá volta ao mundo é uma verdadeira corrente magnética. Há outras estações outros postos emissores que solicitam os rádio-ouvintes, mas a audição londrina, com as suas claras resenhas de noticiário, tornou-se imprescindível.

— O almirantado comunica que um dos navios da Armada Real afundou um submarino inimigo, no Atlântico. No Mediterrâneo, um cruzador inglês perseguiu e torpedeou um navio-tanque que seguia para a Africa...

E o timbre conhecido, que se nos tornou familiar, prossegue escutado com tôda a atenção:

— No Mar do Norte, uma traineira armada derrubou um bombardeiro. Não regressou, até agora, do seu cruzeiro, um dos nossos submarinos, que se pode considerar perdido.

Há um momento de emoção. Talvez que êsse submarino ainda volte. O heroísmo dêsses homens! A sua luta misteriosa contra as emboscadas do mar!...

Londres fala e o mundo acredita.

— Chegou a um pôrto do sudoeste da Gran-Bretanha um grande combóio de navios mercantes com víveres e material de guerra dos Estados Unidos escoltado por navios da Royal Navy.

— Estão a ouvir a Voz de Londres?

A's mesmas horas por tôda a parte, em silêncio, a famosa British Broadcasting Corporation, tem um auditório certo.

Na modesta salinha do simples empregado que, há pouco, terminou o seu jantar, todos ficam aguardando o momento de se iniciar a emissão em português; nos gabinetes de

estudo interrompem-se as pacientes tarefas intellectuais, quando o receptor no alto de uma estante transmite o sinal de abertura da estação; nos salões aristocráticos, sob o fulgor das luzes coadas através de cristais quando se toma o café e o fumo dos cigarros põe uma nota discreta de elegância no ambiente severo e recolhido; nas reuniões familiares, aqui e ali, numa rêde vastíssima, que se alonga ao Império português espalhado nas cinco partes do mundo, a “Voz” é sempre escutada com o mesmo empolgante interesse. A essa hora interrompem-se discussões, conversas amenas, palestras familiares. Há os que ficam em casa só para a ouvir, sacrificando o teatro ou o cinema e os que a ela recolhem mais cêdo para a atender pontualmente.

A voz de Londres durante o blitz! Quantos não sentiram uma bem compreensível emoção, ao ouvir, no seu idioma, a voz conhecida, calma, bem timbrada, que lhe dizia que Londres resistia heroicamente aos terríveis bombardeamentos, naquelas noites que assombraram o mundo?!

A B. B. C. falava, falava sempre, tranqüilamente, por vezes, até com humorismo, indiferente à metralha.

— Estão a ouvir a voz de Londres! Todos os dias o eter nos trás a sua dupla mensagem que se tornou habitual.

A sua recepção é perfeita. Dantes ainda os parasitas a perturbavam, mas agora nem isso. E' nítida, clara, duma vibração perfeita. Há locutores conhecidos. “Olha, lá está fulano!” “Não, não é êle!” Mas é, êsse ou outro, marcando bem as palavras, recortando as frases, numa substância viva e ardente.

A voz de Londres é a voz de Churchill — por vezes um juiz que acusa, outras um profeta a quem o destino parece confiar os seus melhores segredos.



Num lar burguês. As conversações interrompem-se. Mais uma vitória no Mediterraneo



Ao contrário de todos os barbeiros, êste simpático “figaro”, não fala, para que os últimos comunicados da guerra



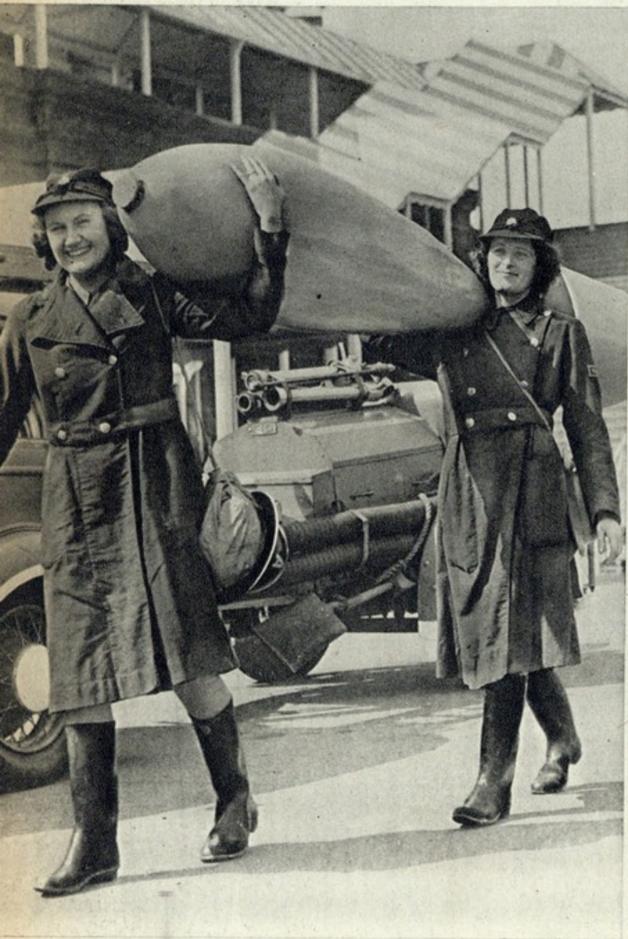
os fregueses e os que não têm telefonia em casa, oçam, na Voz de Londres,



O locutor fez rir. Teria êle adivinhado que à roda desta telefonia havia rostos tão bonitos?



A mulher inglesa entrou na guerra. Uma graciosa rapariga das Forças Auxiliares da R. A. F. na "Serpentina," o famoso lago de Hyde Park, brinca com o cão-mascote da sua unidade



Estão em toda a parte! O envolvero duma grande bomba de aviação que figurou num exercício de defesa, no qual participaram dez mil voluntárias



O exercício feminino da agricultura. Um "destacamento," de senhoras londrinas parte alegremente para os campos do sul do país onde vai fazer as ceifas e outros trabalhos do campo

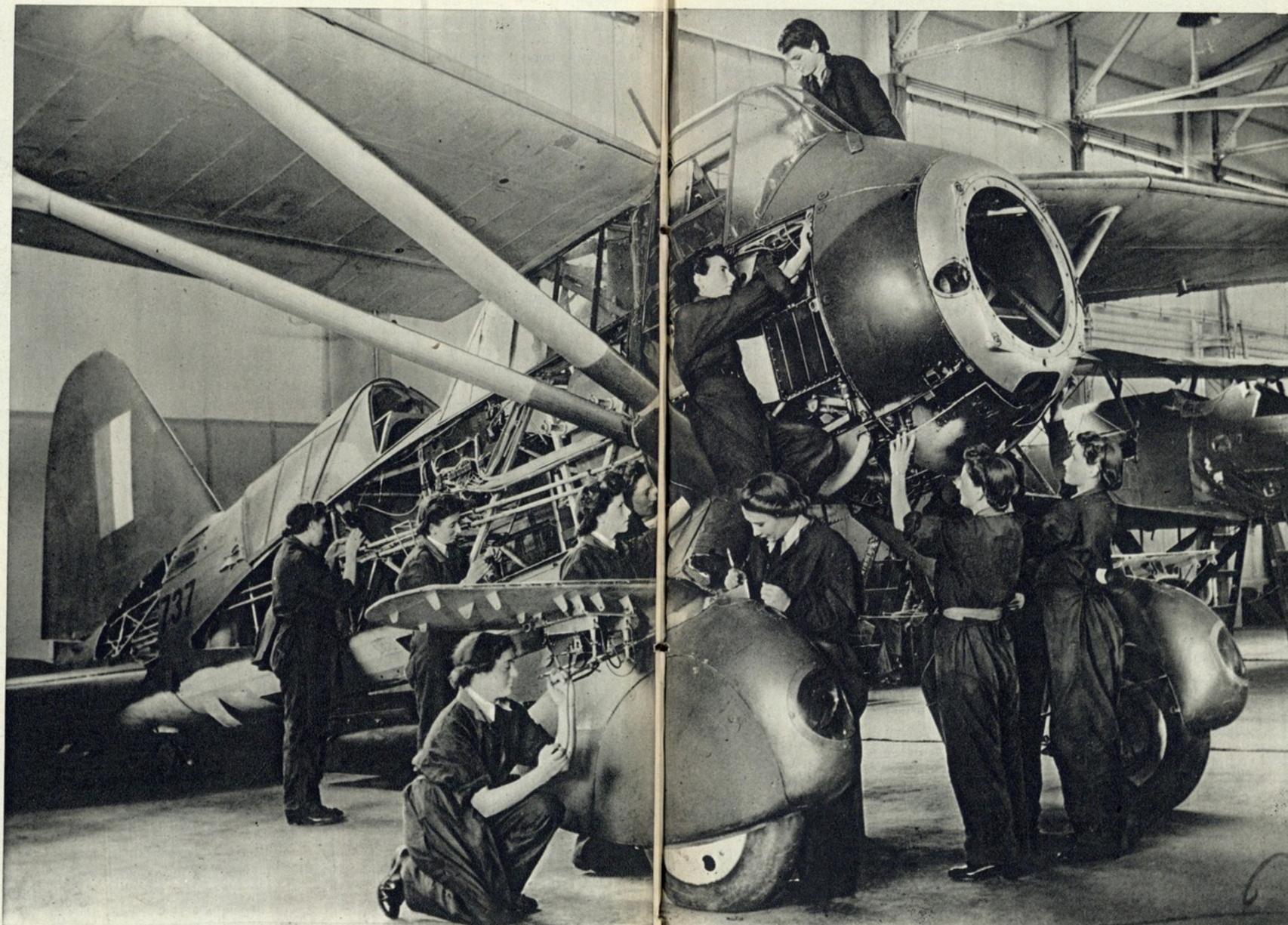


Tôdas elas denodadamente trabalham para a vitória, e a mulher sabe vencer. A do centro, verdadeiro prêmio de beleza, chama-se Margerie Baines e tem 19 anos apaixonados



Um velho desporto que volta a actualidade. Eros converteu-se em Marte. No coração da inglesa o seu amor supremo é agora o da pátria

A MULHER INGLESA NA GUERRA



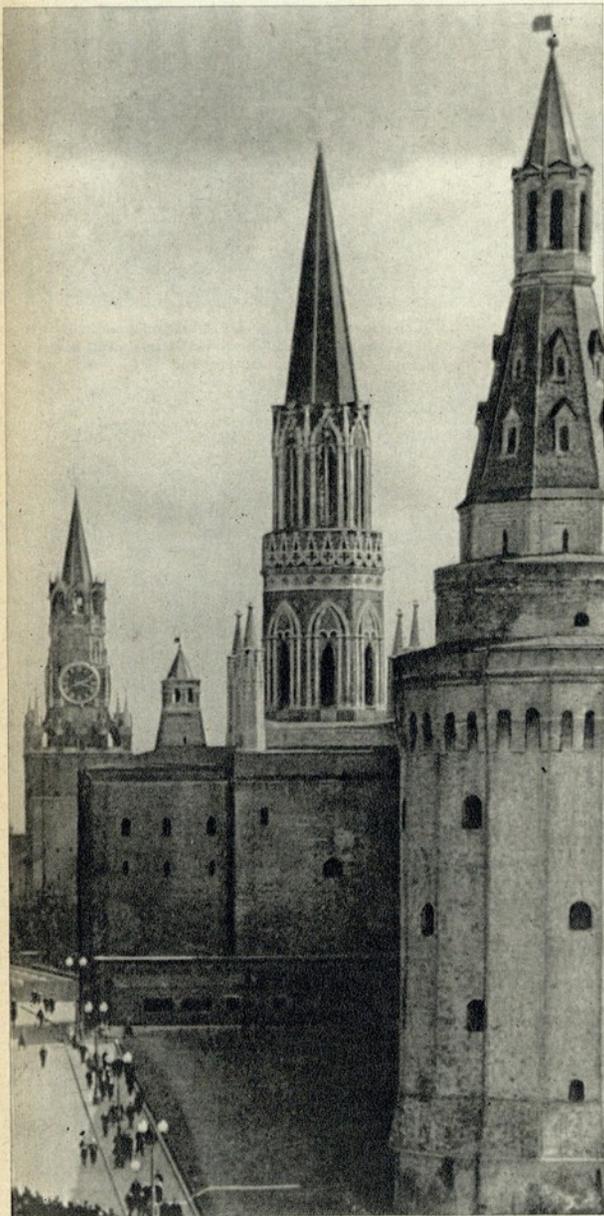
A última "toilette," dum avião da R. A. F. À volta dum aparelho, como abelhas de gentes, elas colocam as últimas peças da sua complicada estrutura. Dir-se-ia que o destruidor engenho é mais ligeiro, mais alado ainda, construído por estas mãos delicadas, que lhe confiam a sua vibrante mensagem de patriotismo, tornando-o ainda mais poderoso



Tôdas as mulheres, seja qual for a sua condição social, participam na defesa da Inglaterra. Ao camion está preso o cabo dum balão de barragem, que esta rapariga manobra

CAMPANHA DA RÚSSIA

A SITUAÇÃO EM LENINEGRADO, KIEV E ODESSA



O Kremlin, na cidade de Moscovo

LIQUIDADADA a batalha das fronteiras e transposta a linha Staline, a tática alemã, na campanha da Rússia, tem-se revestido de vários aspectos. Durante a primeira fase das operações, em território propriamente russo, as alas esquerda e direita da ofensiva germânica mantiveram-se quietas; o esforço dos atacantes concentrou-se no centro do dispositivo da defesa com um objectivo concreto: atingir rapidamente a capital da U. R. S. S. A conquista rápida de Moscovo podia ser o prelúdio duma crise de regime pela desorganização dos serviços. O episódio ficará conhecido, na história militar, pela designação de batalha de Smolensko. As guardas avançadas alemãs chegaram a penetrar, segundo os seus comunicados, até Viasina, a meio caminho entre Smolensko e Moscovo. As contra ofensivas russas levaram-as a recuar até ao ponto de partida. A frente desse sector estabilizou-se à volta da primeira destas cidades que, segundo afirmam as duas partes, é um montão de ruínas.

A esta primeira fase, de prefuração, feita segundo os métodos tradicionais da «guerra relâmpago», seguiu-se uma fase de envolvimento. O estado maior alemão voltou à concepção de Schlieffen: cerco e aniquilamento do adversário. As alas norte (de Murmansk à Carélia) e sul (Ucrânia) e a linha atacante iniciaram rudemente uma progressão que se traduziu, ao sul, pela ocupação duma superfície apreciável de território, mas não alcançou o fim que se propunha: destruir a máquina de guerra soviética. Ao norte, os exércitos de Vorochilov recuaram sobre o campo entrenchado de Leninegrado, ao sul as tropas de Budlney atravessaram o Dnieper e concentraram-se na margem esquerda do rio.

Com a aproximação do inverno, a campanha de leste entrou na sua terceira fase que não se propõe objectivos tão largos como as duas primeiras, mas que se reveste ainda, para os dois lados, duma importância capital. Esta terceira fase é a da batalha pelas grandes cidades que são, neste momento, objecto dos ataques alemães.

Leninegrado, Kiev e Odessa (que inicialmente não aparecia como uma presa capaz de justificar perdas valiosas em homens e material) tornaram-se, nas duas últimas semanas, o fim imediato da ofensiva alemã. Leninegrado é atacada pelas colunas finlandesas que descem da Carélia e pelo exército de von Leeb que atingiu o

Neva. Os alemães afirmam que a cercaram; os russos desmentem esta versão. A antiga capital dos czars é um campo entrenchado com poderosas fortificações cuja defesa está confiada às tropas de Vorochilov. Os peritos militares neutrais calculam que este exército tem um milhão de homens. Vão os alemães tentar um ataque frontal, necessariamente sangrento, ou tentar reduzir a cidade pela fome, o que demorará excessivamente as operações locais?

Malgrado o ataque frontal a Kiev e frustrada a tática de pinça tentada por Korostene e Bielaya Tserkov, os alemães adoptaram uma tática de envolvimento a distância desencadeando em Gornel uma ofensiva de grandes proporções, detida pelos contra-ataques do general Koniev. A rotura da frente russa, pelo avanço sobre Starodelle e Briansk, não se deu, e os exércitos de von Bock, operando ao longo do Desna, e de von Rundstedt, subindo o Dnieper, a partir da grande curva deste rio, não puderam fazer a sua junção que cortaria a retirada aos defensores de Kiev.

Odessa, que foi ultrapassada até Nikolaiév e Kherson, mantém as comunicações livres pelo Mar Negro. Os alemães afirmam que o seu papel será identico ao de Dunkerque, ponto de partida duma retirada estratégica; os russos querem assinalar-lhe uma função semelhante à de Tobruk, centro de fixação capaz de impedir os progressos da ofensiva inimiga. Nos últimos dias os ataques a Odessa tem diminuído de intensidade parecendo que a cidade, quando as atenções gerais se fixam em Leninegrado, passou a representar um objectivo secundário no quadro geral das operações que vão entrar na sua décima terceira semana.

Na defesa das grandes cidades os russos recorreram à tática que, durante os combates de 1920, lhes deram os resultados previstos. O Comando militar mobilisa a população civil e emprega esta na construção de obras (trincheiras, fortins, abrigos, etc.) e, quando a situação se agrava, utiliza-a na linha de fogo em colaboração com os militares. Como a área dessas cidades corresponde a regiões industriais muito densas, os militantes do partido que detêm o poder associam-se às operações duma forma activa passando a constituir um factor de inegável importância, pela quantidade e pelo apêgo que põem na luta.

C. F.



Margot Fonteyn na dança do «Horoscope». O seu corpo, por vezes, parece um bailado de chamas



Os olhos verdes de Ninette de Valois, a grande mestra da coreografia inglesa

UM PORTUGUÊS EM LONDRES

BAILADOS INGLÊSES



A beleza demoníaca de June Brae no bailado «Checkmate»

PPROMETI falar do ballet de «Sadler's wells» mas só depois de ter feito essa promessa e de já não poder voltar com a palavra atrás é que me dei conta da enorme dificuldade de, num artigo tão pequeno, falar dum assunto tão vasto e tão imtante sob o ponto de vista artístico. Nas condições presentes, dadas as dificuldades provenientes da guerra, bombardeamentos, *black-out*, etc., o que se está fazendo em Londres em matéria de bailados representa um verdadeiro milagre devido à tenacidade dos dirigentes, à devoção dos artistas e ao entusiasmo do público.

Londres foi sempre a cidade onde a carreira dum bailarino ou duma companhia de bailados atingia a sua consagração, mas é com a chegada de Pavlova em 1910 e de Diaghilev, em 1911 que os bailados russos se estabelecem definitivamente em Londres que, de então para cá, ficou sendo a capital do mundo no que respeita a bailados tanto clássicos como modernos. Os artistas ingleses, influenciados pelo bailado russo formaram companhias e criaram uma coreografia inglesa moderna que hoje já está, graças ao talento dum punhado de artistas geniais, livre de influências estrangeiras e de posse duma forte originalidade.

Diaghilev parecia ter o condão de despertar os génios ainda não revelados; por onde passava deixava um rasto luminoso de Arte. Esteve uns dias em Lisboa, em Dezembro de 1917, e logo se revelou a faceta coreográfica do génio eclético de Almada que a partir do nada criou com uma originalidade fortíssima e um carácter inimitável, um espectáculo de grande beleza — os bailados de S. Carlos. Almada foi coreógrafo, bailarino e libretista, assim como Martinho Nobre de Melo: José Pacheco, Raul Lino e Gonçalo Melo Breyner pintaram cenários como Lisboa nunca tinha sonhado; a forte personalidade de Ruy Coelho deu toda a magnífica inspiração e foi possível assim (tão marcada era a influência deixada por Diaghilev e pelos seus bailarinos durante a sua curta visita) realizar um espectáculo de beleza e origi-

nalidade como nunca antes se tinha visto e como não se voltou a ver.

É claro que, em Londres a influência mágica do Barão russo foi mais profunda tendo muitos artistas ingleses ingressado na sua Companhia embora muitas vezes encobertos por nomes russos. Londres delirou com Nijinski e assistiu à gloriosa carreira de Massine.

Massine parece ser o génio encarnado da dança. É ao mesmo tempo coreógrafo e bailarino e é tão grande coreógrafo como bailarino. Tem trabalhado com os maiores artistas modernos como Bakst, Picasso, Matisse, Chirico, Berard, Strawinski, Falla, Hindermith e tem também animado com as suas atitudes a música de Chopin, Schumann, Beethoven, Berlioz, Offenback, Strauss, Borodine. Os seus recursos são inexgotáveis e, na história teatral não há muitas carreiras que se possam comparar com a sua. A sua influência directa ou indirecta tem sido imensa.

Depois da morte de Diaghilev fundou-se em Londres a Camargo Society e anos depois o Ballet Club, donde saíram artistas de fama mundial, e o Sadler's Wells Ballet, dirigido por Ninette de Valois que é, uma coreografa dum talento e duma originalidade incontestáveis. Foi ela que criou, entre outros, a coreografia dos bailados «Job», «The Rake's Progress», «Barabau», «Checkmate».

O outro coreógrafo da Companhia é Frederik Asthon que criou a coreografia, de bailados famosos como «Horoscopes», «Les Patineurs», «Apparitions», «Nocturne», «Le Baiser de la Fée», «The Wedding Bouquet», etc. Os bailados de Asthon são marcados por uma graça infinita e por uma elegância inexcitável. Tem um sentido dramático admirável que lhe permite comover o público ou fazê-lo rir. Em «Horoscopes» e «Nocturne» revela-se a sua faceta séria e em «Patineurs», «Façade» e «Wedding Bouquet» toda a sua graça e todo o seu humorismo ressaltam a par duma técnica magistral.

A primeira bailarina da Companhia
(Continua na pág. 30)

Página Feminina

de AURORA JARDIM

OS NOVOS CHAPÉUS

As modistas americanas estão lançando uma directriz completamente nova no capítulo dos chapéus: todos colocados para trás, tapando a nuca e com gazes e guarnições caindo pelas costas. Alguns fazem o efeito de capuzes. Já não há clásticos. E as orelhas ficam escondidas. As copas afundam-se, as abas descaem, a nuca submerge-se — alguns só terminam nos ombros.

As *cloches* muito enterradas que surgiram há dez anos e nos provocam o riso em certas evocações cinematográficas, pretendem regressar.

Vêm-se também os *bérets* e *etôes*, as *coiffes* das velhas normandas que têm uma espécie de largas orelhas a tocar no pescoço, alongando-se para trás.

E aparecem os chapéus do fim da Revolução Francesa, de aba muito erguida e grande — os *des merveilles*...

Algumas *capelines* são levantadas à frente e baixas na nuca.

Em veludo aparecem vários modelos que, mal tocam na testa e descem depois de cada lado do rosto, apresentando semelhança com as orelhas caídas de certos cães: os *cocker spaniels*.

Outros tem charpas, gazes, peles e *jersey* formando uma espécie de lenço — envolvendo completamente a cabeça e o pescoço.

Muito em voga está o *képi* dos oficiais da Legião Estrangeira com o pano caído atrás. E também, o chapéu da *Fedora* e o dos *bolseiros*.

Quanto a material empregado é o seguinte: *Tafetá escocês* e *pompadour*; a *peluche*, a *meia*, a *lã*, o *feltro*, o *veludo*, o *jersey* e sobretudo a *pele*. Muita *pele*, ou igual ao *casaco* ou diferente quando esta é muito grossa.

Palpita-nos que esta moda não pegará, pois o chapéu inclinado sobre os olhos favorisa mais — no entanto a ver vamos.

PARA LAVAR A CABEÇA EM CASA

Uma semana por outra não está para ir ao cabeleireiro, não é verdade? Então lave a cabeça em casa. E faça-o ou com água da chuva ou, se não tiver, com a da torneira, tendo nela desfeito uma colher de bicarbonato de sódio. Se quiser um *shampooing* perfeito, deite, na água, quatro a seis ovos, duas colheres de rum e uma pitada de borato. Depois passe por águas simples até ficar bem limpo. Algumas gotas de limão na última água darão brilho e maleabilidade.

Friccione com uma loção ou só com água de Colônia misturada com água, para tonificar.

Depois penteie-se em frente de dois espelhos. Se for aos caracóis, prenda-os a todos com ganchos invisíveis, se for às ondas, marque-as bem com os dedos, formando a *nise en plis*. Encerre a cabeça numa rede.

O que mais custa é a secagem, não é verdade? De verão tem o sol e de inverno o fogão de sala ou de cozinha. E alguma paciência.

Quando estiver bem seco, tire a rede. Se não gostar do cabelo flou solto, vaporise-o com a seguinte brilhantina: 100 grs. de óleo de parafina, 0,80 grs. de tintura de ambar, 0,25 grs. de essência de limão.



Linda toilette em marocain preto, corpo franzido e guarnição dourada nos ombros

Sempre em frente dos dois espelhos penteie-se então.

As senhoras que estão no campo ou na praia, devem humedecer a escova com que, diariamente tiram o pó ao cabelo, com uma colher de vinagre no qual deixarão um pouco de quina em pó.

O TELEFONE E A EDUCAÇÃO

Sim, porque o telefone não foi inventado apenas para o Zé falar com a Mariluz — foi-o também para se poder aquilatar do grau de educação duma pessoa.

Porque diversas regras devem ser observadas, para que, continuando a ser um esplêndido meio de comunicação verbal, não tome nunca o aspecto de violador domiciliário.

Evidentemente que é um tirano, pois quantas vezes se está com uma pessoa de cerimónia e, ao ouvi-lo tocar, a gente levanta-se logo e diz: — Com licença, sim? — dando-lhe a preferência.

No entanto, como disse, há regras que se não devem esquecer.

— Assim:

— Não pode substituir uma carta nem uma visita, a não ser em casos particulares: doença, distância, urgência.

— Não foi feito para conversar muito tempo pois privará outras pessoas de fazer comunicações talvez mais urgentes.

— As confidências ditas por este meio, têm tendência a transformar-se no segredo de Polichinelo pois correm o risco de ser ouvidas por outras pessoas.

— Não telefonar muito cedo, de manhã, tarde na noite nem às horas das refeições.

— Lembre-se que, se telefonar a quem trabalha, o deve fazer com brevidade, pois falando muito, rouba-lhe uma coisa preciosa: o tempo. E, por fim, a paciência.

— Não grite. Explique-se claramente.

— Quando pedir ao seu noivo para lhe dizer uma palavra pequenina, lembre-se que pode estar gente a seu lado e não queira torná-lo ridículo.

— Informe-se da melhor hora para telefonar.

— Se quiser tornar irreconhecível a sua voz, aperte o nariz.

— Quando estiver a falar com o seu marido, estude-lhe a voz para distinguir se está com pressa ou não. Se não quiser ter esse trabalho, sujeita-se a ouvir qualquer palavra de impaciência que a magoará.

— Respeite as horas de trabalho das outras pessoas para que lhe respeitem as suas.

— Aos ministros só em último caso, se telefona para o domicílio — deve considerar-se sagrado.

— Ensine a sua criada a falar correctamente ao telefone. Isso dará logo idéias de como é a casa, exactamente como a forma de a vestir.

— Não é pelo facto de ter que «matar o tempo» que há-de incomodar todas as pessoas das suas relações cujo nome vem na lista.

— Quando tiver que dizer o seu nome, diga-lhe simplesmente; mas se for a um criado, dirá: Dona Fulana de Tal.

— Não telefone para se certificar do que desconfia — enquanto não sabe é feliz. Não é cobardia: a maior coragem é fechar os olhos e tapar os ouvidos para tentar salvar a felicidade.

OIÇA... SAIBA VIVER

Se for visitar uma sua amiga que está doente, veja se obedece a estes princípios:

— Não vá lá quando souber que ela tem muita febre. Mas informe-se.

— Faça-o quando o termómetro tiver baixado e leve-lhe flores.

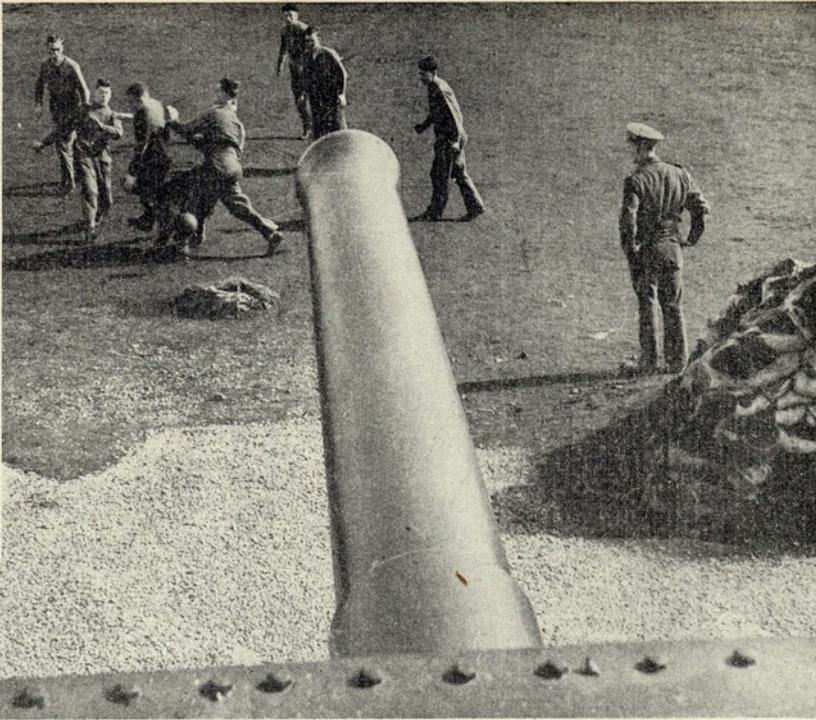
— Não conte as suas próprias experiências e o tratamento que fez, pois pode não ser o mesmo.

— Deixe-a falar, se ela quiser, mas, principalmente deixe-a estar calada.

— Conte os minutos que lá está para a não fatigar.

— Nunca lhe diga: «Isso não é nada!», mas cuidado, não caia no excesso contrário.

SPORT



Na Inglaterra, mesmo debaixo dos canhões, se joga o futebol

A abertura da época de futebol na Gran-Bretanha

A época oficial de futebol, na Gran-Bretanha realiza-se desde há muitos anos no sábado mais próximo do dia 31 de Agosto. É uma tradição. Por isso o campeonato da Liga é iniciado sempre ou no último sábado de Agosto ou no primeiro sábado de Setembro. Este ano, o sábado mais próximo foi o do dia 30 de Agosto e, apesar da guerra, a época iniciou-se, na data oficial, um verdadeiro alarde de que, na Gran-Bretanha, a vida decorre em regime de guerra, é certo, mas normalmente.

O futebol é um jogo nacional, que faz parte da vida britânica, e por isso nada pode eliminar essas manifestações desportivas. A maioria dos estádios dos clubes estão ao serviço da defesa do Império, com campos de preparação, a maioria dos mais famosos *soecers* estão em armas, uns na ilha, outros longe da pátria, mas, nem por isso, estão impossibilitados de praticar o seu desporto predilecto. Entre um alerta ou uma missão arriscada há sempre uma aberta para calçar as botas de futebol e, assim, o futebol não parou.

As exigências da defesa da ilha, o dever militar, naturalmente não permitem que as provas se realizem como antes da guerra. Por isso a Liga Inglesa e a Liga Escocesa, não puderam realizar os seus campeonatos tradicionais, visto que não é possível às equipas fazer grandes deslocações. Houve, por isso, que criar os campeonatos do tempo de

guerra, reunindo-se os grupos segundo as regiões onde estão os seus campos, de modo que as provas se realizem sem grandes dispêndios de tempo.

Os clubes ingleses foram, por isso, agrupados em três ligas: a Liga de Londres, a Liga do Norte e a Liga do Sul; e os clubes escoceses em dois grupos: Liga de Sudoeste e a do Nordeste.

A primeira jornada, em Inglaterra, teve algumas notas curiosas: o nosso conhecido Brentford derrotou o Arsenal por 4-1. O Sunderland derrotou o Sheffield United por 7-1 e o Manchester realizou um resultado *record*: 13-1 contra o New Brighton.

Dum modo geral, o público foi mais numeroso nesta primeira jornada de que na última jornada da época passada.

Na Escóssia a nova época foi recebida com a mesma simpatia pelos *supporters*, registando-se a maior animação, tendo o Glasgow Rangers e o Celtic, os dois melhores grupos escoceses, marcado a sua superioridade nesta primeira saída.

A primeira jornada, em Inglaterra, foi preenchida com oito jogos da Liga de Londres; cinco da Liga do Sul; vinte da Liga do Norte; e, na Escóssia, com oito jogos da Liga do Sudoeste; e quatro jogos da Liga do Nordeste.

Com o início da época, o futebol retoma o seu lugar entre os desportos favoritos do povo

da Gran-Bretanha, apesar do estado de guerra. Em 1914 os campeonatos foram interrompidos devido à Grande Guerra. Foram quatro anos de inter-

rupção, apesar da luta ter sido circunscrita, por assim dizer, ao continente.

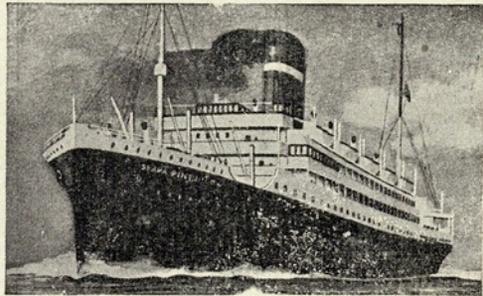
Agora, a luta está na Mancha. Pois apesar disto, os ingleses resolveram agora manter tódia a sua vida e realizar os seus campeonatos de futebol. E não se julgue que a organização não tem todos os aspectos do tempo de paz. Porque nem os próprios jogos internacionais foram suspensos. É assim que o Inglaterra-Escóssia, o mais sensacional jogo do ano, está já marcado para o dia quatro de Outubro, no famoso estádio de Wembley.

A luta entre escocesses e ingleses, duas escolas de futebol que tem apaixonado os técnicos de todo o mundo, é, depois do espectáculo da final da Taça da Inglaterra o maior acontecimento futebolístico da Gran-Bretanha. O estádio de Hampden Park, em Glasgow, que é o mais vasto campo de jogos do mundo, com uma capacidade para 150 mil espectadores, esgotou apenas uma vez a lotação: num dia do Inglaterra-Escóssia! Isto dá uma um idêia de apaixonante interesse que sempre desperta a luta entre os mestres do *passé largo* e os virtuosos do *passé curto*, e tão intenso é que nem a guerra consegue interromper essa partida anual.

Aliás, todo o ensinamento desportivo britânico não sofreu ainda outra perturbação além daquela que é absolutamente indispensável à defesa da ilha.

C. de O.

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPÁ PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

«Serpá Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

FELIZ REGRESSO

NOVELA DE FRANCISCO JORGE

Manuel Sousa era pescador. Fazia parte da guarnição de um bacalhóeiro, que costumava pescar em águas da Terra Nova. «Feliz Regresso», era o nome desse bacalhóeiro. Manuel Sousa fôra admitido na guarnição do barco, depois que o seu encalhara no Algarve, numa noite de tempestade.

Eu conheci o «Feliz Regresso» uma tarde, quando, entrando no Tejo, de volta de uma excursão marítima, o meu pequeno barco a motor passou perto d'ê. O capitão estava na amurada. Trocámos um «boa tarde» amável, e, como eu manifestasse desejo de visitar o seu barco, êle convidou-me a subir.

E quando sai do navio, deixei dentro d'êle um novo amigo. A partir de então, tôdas as vezes em que o «Feliz Regresso», de volta das suas distantes excursões, lançava âncora no Tejo, eu rumava rápido para bordo d'êle, ansioso por rever o velho capitão e por escutar as suas últimas aventuras marítimas.

Foi numa dessas visitas que conheci o Manuel Sousa. Caladão, sempre ocupado com alguma coisa, Manuel era considerado a bordo como irremediavelmente taciturno. Estava sempre só. Falava pouco e não cantava, nem ria, nunca.

Uma tarde, em que o capitão tinha ido a terra, e que eu, sem saber disto, viera até o navio visitá-lo, decidi, enquanto o esperava, apurar o mistério da tristeza do Manuel.

Fui pi ocurar, pois, o marujo taciturno. Encontrei-o na proa.

— Boa tarde, Manuel.

— Boa tarde.

E durante uns dez minutos eu não consegui arrancar d'êle mais do que uma ou duas palavras de cada vez, e essas mesmo sempre em resposta das perguntas que lhe fazia. Aos poucos, porém, fui sentindo que a sua reserva se abria.

— O que eu não compreendo, Manuel, é essa sua tristeza. Todos nós temos os nossos momentos ruins. Mas temos também os bons.

Fitou-me demoradamente nos olhos e disse:

— A história é comprida, mas, se quer ouvi-la, eu a conto.

E então, com a tonalidade pausada de quem recorda, Manuel desenrolou a sua história. Êle era do Norte. Nascera e fôra criado na Póvoa; lá crescera, casara, e vivera os tempos mais felizes da sua vida. Possuía, com um tio, uma pequena embarcação, que empregava na pesca da sardi-



nha. Como é sabido, êste género de pescaria não obriga a grandes ausências. E Manuel, desta forma, podia passar no lar tantas horas quantas as que passava no oceano.

Um dia, porém, o destino quis interromper a sua marê de felicidade. Fêz com que, levado por uma tempestade de grande violência, o seu barco vogasse dezenas de horas ao sabor das ondas, e fôsse por fim jogado a uma praia do Algarve. Manuel, mal se encontrara em terra, procurara pôr-se em comunicação com a esposa, telefonando para uma farmácia, que ficava próxima da sua casa. Da boca do próprio farmacêutico, que atandera o seu chamado, êle ouvira a notícia que ia mudar por completo o rumo da sua existência: não tinha mais mulher. A ansiedade, causada pela falta de notícias suas, provocara na espôsa uma crise de desespero, no meio da qual ela se atirara ao mar, morrendo sem que lhe pudessem ter sido prestado socorros. O corpo, esclarecera ainda o farmacêutico, devia ter sido levado por alguma corrente, porque não dera à costa.

Manuel, depois de ouvir a comunicação, depositara o fone no gancho, e deixara a cabine telefônica cabisbaixo. Entrara bem disposto e ri-sosinho, como tinha sido sempre, e saiu um outro homem. Saira de lá o Manuel Souza que eu tinha em frente, que falava pouco, não ria nunca, e andava sempre só.

— Mas apesar disto, observei eu, você diz que é feliz.

— Sim, Senhor. E vou-lhe explicar porquê. Eu não voltei mais à Póvoa. Não podia conformar-me em chegar lá e não encontrar a minha mulher.

Preferi guardar dela a última impressão que me deixara; em pé, numa rocha, acenando-me com o lenço, a gritar: feliz regresso. Por causa d'esse grito, que até hoje me acompanha, é que me alistei neste barco. Êle mantém o grito vivo em mim. E, quando navega, tenho a impressão de que me leva para a minha querida mulher.

Dias depois o «Feliz Regresso» fez-se novamente ao mar. Passaram-se semanas sem que eu ouvisse falar dele, até que um dia soube, rudemente, por um telegrama de jornal, que se havia afundado. Da tripulação nem um só homem se salvara. Os corpos de todos os seus componentes tinham dado à terra, numa praia do Canadá, e haviam sido por lá mesmo enterrados. Faltava apenas um corpo. O telegrama não esclarecia de quem era, êsse corpo que faltava mas eu soube-o por intuição. Lamentei a morte de todos, menos do Manuel. Lembrei-me do que êle me dissera, sobre a impressão que tinha, que o barco o levaria para junto da mulher, e achei, que, afinal, ao menos êle, entre as desgraçadas vítimas do «Feliz Regresso», tivera um regresso feliz.

MAQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas {
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

Telefone: 1 276

CASA QUEY

Antigo «AS» DAS MEIAS

Especialidade de meias

MAISON FRANÇAISE

R. SERPA PINTO, 16-C

CRONICA ALEGRE

O HONESTO SALUSTIANO

O meu amigo Salustiano possui, no mais alto grau, entre as muitas virtudes que o recomendam, o culto religioso da honestidade, que manifesta em todos os actos da sua vida. Não sendo pessoa endinheirada, também não pode dizer-se que lute com grandes dificuldades, porque é extremamente económico e sabe regular, com o máximo cuidado, o equilíbrio das suas receitas e despesas. E' emfim, o que pode chamar-se, com inteira propriedade, um perfeito homem de bem.

Há dias, o Salustiano fez uma compra num estabelecimento da Baixa e deu para pagamento uma nota de cem escudos, da qual recebeu em trôco, algumas brilhantes moedas de dez escudos, muito novas, que guardou, só em casa verificando que, entre elas, uma havia que era falsa.

Certo da bem merecida fama de honestidade que o aureolava, não se preocupou e, dois ou três dias depois, ao passar de novo pelo estabelecimento onde fizera a compra, entrou e, dirigindo-se ao empregado que o atendera, fez-lhe sentir o seu desgosto por lhe haverem dado uma moeda falsa, pondo em grave risco a sua reputação, se, a tempo, não tivesse dado pelo percalço.

O empregado, amável, foi logo à caixa e, trazendo uma outra moeda, deu-a ao reclamante, observando-lhe que apenas um muito lamentável equívoco dera lugar ao incidente.

Salustiano agradeceu, meteu a moeda no bolso e tomou o caminho da rua, quando o caixeiro, chamando-o, lhe observou que se esquecera de restituir a moeda falsa.

Apoplético, Salustiano, voltou atrás e, com a mais vibrante indignação, increpou-o:

— O quê? O sr. atreve-se a pedir-me a moeda falsa? Que inqualificável abuso! Então o sr. não compreende que eu fui forçado a desfazer-me dela rapidamente a fim de evitar que a minha reputação fôsse maculada com a sua posse?

«E que trabalho tive para a passar!...

Por tudo quanto há, não me fale mais em semelhante moeda!»

E' salu, imponente, soberbo, na sua inatacada e inexcedível honestidade.

PIGMALIAO PIRES

A Mensagem de Churchill

(Continuação da pág. 18)

nhões contra a religião, eu não hesitava em pedir uma protecção superior quando me encontrava na linha de fogo, e experimentava uma sensação de reconhecimento quando voltava são e salvo da luta. Acabei mesmo por pedir coisas menos importantes do que a vida, nesse tempo e depois. A verdade é que sempre consegui alcançar aquilo que pedia. Este hábito de pedir a Deus parece tão natural e forte como o raciocínio que o contradiz. Tem sobre este a vantagem de ser reconfortante. Não me inquietava com a circunstância que, por vezes, há em pensar numa forma e sentir outra. Parecia-me que devia deixar o espirito explorar as regiões do pensamento, e, ao mesmo tempo, rezar e pedir auxilio sendo reconhecido quando o concediam. Não podia conceber que o Supremo Criador, que nos dera o espirito e a alma, se ofenderia porque ambos caminhavam a par.

A este respeito, surpreendeu-me sempre ver certos bispos e membros do clero fazer esforços para conciliar a Bíblia com a ciência e com a história moderna. Conciliar para quê? Quando a gente recebe uma mensagem que alegria o coração e fortalece a alma, que promete a nossa reunião à dos entes queridos, num mundo mais vasto e generoso, para que havemos de nos inquietar com a cor e a forma do sobrescrito que nos traz a mensagem, querendo saber se elle traz a data certa e o selo exigido pelo correio? Estes pormenores podem intrigar-nos, mas, no fundo, não têm a mais pequena importância. O que é importante é a mensagem e o bem que nós podemos tirar dela. Um raciocínio apertado pode conduzir-nos à conclusão exacta de que os milagres são impossíveis e que é mais provável que os testemunhos humanos se enganem mais facilmente do que as leis da natureza. Ao mesmo tempo pode alegrar-nos a ideia de que Cristo mudou a água em vinho, em Cana, na Galileia, que caminhou sobre as águas ou ressuscitou os mortos. O espirito humano não pode compreender o infinito. Mas as descobertas da matemática permitem-lhe dispôr-dê, com facilidade. A ideia de que nada é exacto, a não ser o que nós compreendemos, é ridícula. Mais estúpida ainda é a ideia de que dois conceitos diversos não podem ser, ao mesmo tempo, verdadeiros. Nada pode impressionar mais o nosso espirito do que o espectáculo de milhões de mundos, errando uns à volta dos outros sem pararem e sem nenhum fim visível. Muito cedo me dispuz a acreditar apenas naquilo em que queria acreditar, ao mesmo tempo que deixava a minha razão prosseguir livremente o seu caminho.



Acuda ao seu cabelo enquanto é tempo

Não é quando o cabelo já caiu de todo e as raízes morreram, que qualquer remédio pode fazer milagres.

E' quando surge algum dos primeiros sintomas da existência duma causa oculta da queda do cabelo, que se deve atacar o mal.

Ao pentear-se o pente vem cheio de cabelos. A gola dos seus casacos ou vestidos está com frequência cheia de caspa.

Não é preciso mais. Qualquer micróbio está atacando o bulbo piloso e produzindo fermentações prejudiciais à vida do cabelo, ou os canais por onde as raízes se alimentam estão obstruídos por poeiras ou gorduras. Alguma destas causas está minando as glândulas do crescimento do cabelo e é preciso actuar sem demora.

O combate deve ser fulminante. Não procurar experimentar remédios aprendidos ou ouvidos.

E' aplicar imediatamente — por que quasi imediato é o resultado — o **Petróleo Químico Nally**, que há muitos anos já, médicos, professores, farmaceuticos e principalmente os milhares de pessoas que o usam podem informar da sua constituição e maravilhosos efeitos.

O **Petróleo Químico Nally** contém na sua fórmula todos os elementos para combater as diferentes causas da queda do cabelo e ainda outros elementos que podem restabelecer o vigor às raízes. Faz desaparecer a caspa rapidamente e torna o cabelo sedoso e domável. Uma fricção diária é a melhor garantia da conservação dum bom e farto cabelo.

Tratado e defendido pelo **Petróleo Químico Nally** largos anos resistirá à idade, aparentando 10 a 20 anos menos do que aqueles que realmente tem.

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Porto

Tio Pepe
Amorôda
A. B.
Nectar
Solera 1847

Jerez

3 Copas
Sôberano
Insuperable

Aguardentes
Jerezanas

Superior Tawny
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port.»

Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LADLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)

A União da África do Sul e a Guerra

O esforço dos Dominios na condução da Guerra por parte da Gran-Bretanha tem sido posto em relêvo bastantes vezes, mas só poderá ser conhecido em toda a sua extensão e pormenores quando, passada a temerosa luta em que hoje se batem populações de todas as partes do Mundo, chegar a hora serena dos historiadores.

Ao papel brilhantíssimo desempenhado por australianos e neo-zelandeses na campanha da Líbia, a contribuição tão valiosa que os canadenses têm dado à Real Força Aérea e às tropas especialmente treinadas para a defesa das Ilhas Britânicas, há a juntar a acção prodigiosa dos sul-africanos na campanha da África Oriental e, principalmente, na conquista da Abissínia.

Vindos da União da África do Sul estabeleceram a sua primeira base no território de Tanganica, onde tiveram quartel general, passando através do Quênia para a Somália Italiana e para a Etiópia, em cuja conquista tiveram parte decisiva. Embora unidades do exército sul-africano tenham combatido na Líbia, ao lado de ingleses e de soldados de outros Dominios, foram os comunicados da campanha da Abissínia que mais vezes se referiram às tropas da África

do Sul pondo em destaque o valor e a resistência de que deram provas em luta conduzida em terreno difícil e contra um inimigo fortemente estabelecido. Algumas das suas «étnicas» na parte final da campanha, quer perseguindo os italianos, quer procurando antecipar-se a eles foram brilhantes.

Não deve causar estranheza, este facto, a quem conhecer as condições em que se faz a preparação física dos sul-africanos, a partir da idade pré-militar. O ensino da natação é obrigatório, para ambos os sexos, na escola primária.

A ginástica obrigatória e a prática de jogos desportivos — o «rugby» e o «cricket» são os mais populares — completam a preparação física dos jovens sul-africanos.

Entre os catorze e os dezasseite anos os rapazes frequentando escolas oficiais ou particulares têm que per-



tencer à organização dos «Cadetes».

Todos os sul-africanos entre os dezasseite e os sessenta anos são susceptíveis de ser chamados para o cumprimento dos seus deveres militares, fazendo parte das «Forças de Defesas».

Antes da Guerra, possuía a União da África do Sul um pequeno exército a que chamava «Força Permanente Sul-Africana» que hoje conta com um número elevado de divisões.

Desde há alguns anos, a União empregou o melhor dos seus esforços para dotar

o País com o material necessário para a guerra moderna, especialmente material aéreo. A força aérea tinha uma organização eficiente, dispunha de bons aparelhos; e em 1937 entrou em vigor um novo plano para recrutamento e treino de pilotos que teve o maior êxito, pois foram numerosos os alistamentos.

Quanto à competência dos pilotos treinados desde essa data falam bem alto os feitos praticados, no decurso da Guerra, pela aviação sul-africana.

João de Lisboa

BAILADOS INGLÊSES

(Continuação da pág. 25)

é Margot Fonteyn que tomou o lugar de Markova quando esta saiu.

Essa escola deu outras duas primeiras bailarinas de grande valor: June Brae e Palmela May.

Palmela May é a mais clássica das bailarinas modernas e o seu «arabesque» é duma grande beleza. June Brae antes de entrar para a Escola de Ninette de Valois tinha estudado em Paris com Kchsensiska. Criou com um êxito estuando a «Rainha Preta» na «Checkmate». Da Companhia também faz parte Mary Honer que é um enestimável valor pela técnica magnífica e execução perfeita.

O grande bailarino de Sadler's Wells Ballet é Robert Helpman, um australiano cuja vocação para a dança foi acordada por Povlova quando a grande bailarina visitou a Austrália. Como bailarino pode ser comparado a Massine.

Esta companhia está realizando verdadeiros milagres. As dificuldades com que luta são tremendas mas os êxitos que obtém são magníficos.

Aqui há dias conversando com Ninette de Valois durante um curto intervalo dum ensaio vim a saber os tremendos problemas que tem de resolver mas não chegam para a fazer desanimar. Ninette de Valois estava em «tournée com a

sua Companhia na Holanda quando os alemães invadiram o país. Na fuga precipitada perderam-se partituras, cenários, indumentária, etc. Com uma energia rara, Ninette de Valois consegue repôr em Londres alguns dos bailados do seu repertório; entre os quais a «Dante Sonate» a dois pianos porque a partitura se perdera na Holanda. Alguns outros bailados como «Checkmate» por exemplo, perderam-se totalmente e assim o seu repertório que era 22 bailados ficou reduzido a 15. Outra tremenda dificuldade se apresenta agora — as figuras masculinas que são chamadas às fileiras e que dum elenco de 18 estão reduzidas a 3 com mais 5 discípulos.

Além de tudo isto tanto o teatro Sadler's Wells como o Old Vic foram bombardeados e lá ficaram mais cenários e mais música. No entanto, continua sem desfalecimentos, a fazer «tournées» voltando a Londres todas as oito semanas ao New Theatre.

Todas estas dificuldades tem no entanto, dizia-me Ninette de Valois, a melhor das compensações — o público aumenta constantemente...

Nem a guerra nem o *black-out* nem os bombardeamentos fizeram perder ao londrino o gosto pelos bailados.

Oscar da Silva

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete «ANGOLA»

sairá em princípios de Outubro, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, POINTE NOIRE, SAZAIRE, LOANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

Importante: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 18 horas do dia 29 com o aumento de 20%

Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)
LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 434
PORTO

CINEMA

A GUERRA NA TELA

PROSPERIDADE!

Antes da eclosão do actual conflito, o cinema inglês viveu, por vezes, em regime deficitário. Não por carência de dinheiro, que nunca faltou, nem tão pouco, por falta de artistas e de técnicos, que os havia — e dos melhores. A que atribuir, então, o cerceamento das possibilidades produtivas dos estúdios britânicos? Se a prodigalidade de recursos de toda a ordem, assegurava, aos centros vitais da indústria, o ensejo de viverem, sem quaisquer apreensões, o mais brilhante e intenso período da sua actividade, que estranhos designios tolheram a sua expansão?

Porque não se coordenaram os esforços de todas as células de trabalho no sentido de se aumentar o coeficiente de produção? Que forças emperravam o desenvolvimento do cinema inglês? Que interesse havia em protelar a realização dos filmes, onerar o seu custo e dificultar a sua apresentação nalguns mercados estrangeiros, em que se verificou o espirito deliberado de não atingir as quotas de amortização fixada para cada película? Que objectivos se tinham em vista, com este critério de exploração? Não vale a pena agora dizê-lo.

A guerra, derrubando todos os males que entravaram a grandeza do cinema britânico, criou uma nova mentalidade cinéfila. Outro carácter e um mais ousado espirito criador, que principiou por modelar um novo «clima» de expressão junto do público, e determinar, ao mesmo tempo, as directrizes de outro conceito plástico, absolutamente diferente daquele que, durante muitos anos, curtiu a produção saída dos estúdios de Londres.

A hora actual é de combate. Para o cinema inglês — é a hora da renovação e de confiança no seu destino. Quando terminar a batalha, em que agora se decide a noção de espaço vital, o cetro do cinema europeu estará nas suas mãos. Não tenhamos dúvidas.

As provas estão à vista no esforço conseguido pelos estúdios londrinos para satisfazer as necessidades da sua vasta rede de cinemas. Nunca, como no momento actual, os negócios cinematográficos atingiram tão elevado grau de prosperidade. A frequência dos seus 5.000 cinemas aumentou, desde o começo das hostilidades, duma forma inconcebível.

A United Artists, segundo revelou o seu representante, totalizou esta época um quantitativo muito superior a qualquer dos quatro últimos anos. O mesmo se verifica com outras firmas, no número das quais figuram a Paramount, a Fox e a Warner, que decidiram aplicar parte dos 50 milhões de dolares que tinham em Londres em financiar a realização de filmes, ingleses, adquirir cinemas e comprar as melhores produções britânicas para serem exibidas em terras americanas.

Prosperidade! Eis a impressão que se colhe do actual panorama do cinema inglês!

António Lourenço



A artista americana Ruth Hussey, promessa desta temporada, tem um papel de relêvo em «Casamento escandaloso» (Philadelphia Story)

PRODUÇÃO

Terminaram os trabalhos de montagem do filme português «O Pai Tirano», que foi já exibido particularmente. A estreia efectuar-se-á, dentro de dias, no Eden Teatro.

● A «R. K. O.» escolheu Adolphe Menjou para o principal papel do novo filme, de Anne Shirley, intitulado *Father takes wife*.

● Anatol Litvak assumiu a direcção de *The Gentle People* com Ida Lupino e Thomas Mitchell.

● *Double Date* é o novo filme de Edmund Love, com Peggy Moran, Una Merkel e Tommy Kelly.

● Marlene Dietrich, George Raft e Humphrey Bogart vão interpretar *Handle With Care*. A realização é do veterano Raoul Walsh.

● Buster Keaton, Anita Louise, Alan Mawbray, Richard Cronwell, Dianna Fisher e Margaret Hamilton formam o elenco de *The Villain Still Pursued Her*, que Edward Clive dirige para a Radio-Filmes.



Boris Karloff, o criador do «Frankenstein», ao microfone numa emissora dos Estados Unidos, com vários artistas do cinema americano, alguns dos quais foram agora mobilizados

MUNDO GRÁFICO



“V”

símbolo da vitória
inglês
é pintado
nas ambulâncias
oferecidas
pelos
Estados Unidos